



UnB

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Laura Veridiana Fleury Moreira

Memorial do Produto

Reportagem – RAP e poesia: diálogos urbanos

Orientador: Gustavo de Castro

Brasília

2014

UnB
Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Laura Veridiana Fleury Moreira

MEMORIAL DO PRODUTO
Reportagem RAP e Poesia: diálogos urbanos

Projeto experimental de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília (UnB)
como exigência parcial para obtenção do grau
de bacharel em Comunicação Social com
habilitação em jornalismo, sob a orientação do
professor doutor Gustavo de Castro.

Brasília
2014

UnB
Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Laura Veridiana Fleury Moreira

MEMORIAL DE PROJETO DE PESQUISA GRANDE REPORTAGEM ESCRITA:

RAP e Poesia: diálogos urbanos

Memorial referente a Projeto Experimental de
Conclusão de Curso produzido como parte dos
requisitos necessários para a formatura no curso
de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Orientador

Prof. Dr. Gustavo de Castro (FAC/UnB)

Examinador

Prof. Fernando Oliveira Paulino (FAC/UnB)

Examinadora

Profa. Márcia Marques (FAC/UnB)

Brasília, 25 de junho de 2014

Agradecimentos

Para a folha de agradecimentos
não ficar maior que a reportagem,
Agradeço aos que fazem por amor,
aos que fazem pela arte.

“O que eu quero?
O que faz eu me sentir mais vivo!
Pois eu já me senti livre,
hoje eu quero é sentir que eu *livro*”
MC Marechal

RESUMO

Esta é a memória da construção da reportagem *RAP e poesia: diálogos urbanos*, incluindo toda a pesquisa que foi feita anteriormente sobre o tema e a pesquisa de campo, realizada nas capitais metropolitanas Brasília, Belo Horizonte e São Paulo no primeiro semestre de 2014.

Por meio da pesquisa, procurei entender as relações concretas entre rap e poesia na cena urbana. Fenômenos das grandes cidades, o rap e a poesia marginal trocam valores, espaços e galeras. Contracultura, resistência, vivência poética, comunhão espiritual, arte. É disso que são feitos os saraus da periferia de São Paulo, as ocupações artísticas dos estudantes de Belo Horizonte, as batalhas de MCs de Brasília. Semanalmente, quinzenalmente, mensalmente esses jovens e esses velhos se encontram pra falar dos problemas diários, da correria, das paixões, das dores, de si mesmos e dos outros: poesia.

Me debrucei principalmente sobre as características singulares e comuns ao rap e a poesia marginal atual, ou poesia urbana, ou poesia de rua. O rap já nasceu um gênero de música poético (ritmo&poesia), de mensagem, mais preocupado com o texto do que com a sonoridade. As grandes lições do rap são: o compromisso com o que se é escrito (responsabilidade), a métrica e o fluxo contínuo de informações melódicas. As poesias curtas, irônicas, com jogos de palavras e muitas vezes agressivas da modernidade influenciam e são influenciadas pelo rap. Através da escrita e performance dessas poesias (*spoken word*), os jovens que conheci tomam para si o lugar de protagonistas das suas histórias e as dividem com o restante do grupo, que se fortalece com mais esse testemunho. A função social da arte e o papel social do poeta também são investigados.

Palavras-chave: RAP, poesia de rua, poesia marginal, periferia, sarau, *spoken word*, hip hop.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Contextualização.....	09
2.1. Origens: as rinhas de MCs e o poetry slam.....	09
2.2. Influências.....	11
2.3. Desenvolvimento.....	12
3. Justificativa.....	12
4. Objetos de pesquisa.....	13
4.1. O RAP.....	13
4.1.1. Lugar de fala e tendências.....	13
4.1.2. Histórico: o rap no Brasil.....	16
4.2. A poesia falada.....	20
4.2.1. Definição.....	20
4.2.2. Histórico.....	20
5. Referencial teórico.....	32
6. Metodologia.....	36
6.1. Etapas de pesquisa.....	36
6.1.1. Pesquisa teórica e de contextualização.....	36
6.1.2. Pesquisa de viagem.....	36
6.1.2. Pesquisa de campo.....	36
8.2. Cronograma de pesquisa.....	37
8.3. Orçamento.....	38
11. Referências bibliográficas.....	38
11. Outras referências.....	39
12. Anexo: Reportagem Rap e poesia: diálogos urbanos (versão sem cortes).....	40

1. Introdução

O intuito dessa grande reportagem escrita é retratar da melhor maneira possível o cenário atual que envolve rap e poesia nas grandes cidades. Os espaços em que essa relação ocorre são, principalmente, saraus, *slams* e batalhas de MCs. A diferença entre eles será detalhada mais à frente, mas o importante é o que os une: contracultura, resistência e vivência poética. Através dessas reuniões, que podem ser semanais, quinzenais ou mensais, os participantes trocam experiências, influências e força. A arte tem papel fundamental na formação pessoal, política e espiritual dessas pessoas, que encontram nos versos a melhor forma de se expressarem. Para isso, realizei vivências em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, cidades que tem um forte movimento de rap e contracultural, e que eu considero representativas do cenário nacional urbano.

Para entender o cenário atual, minha pesquisa se voltou para o surgimento do rap e da poesia falada e seus desenvolvimentos. Não foi surpresa descobrir que esses caminhos se cruzavam e estavam juntos desde o seu início. Foi a banda *Last Poets* uma das primeiras a gravar declamações de poemas sobre negritude em cima de tambores africanos, em 1970 lançaram o primeiro CD de *spoken word*, poesia falada. Mas também considerado um dos primeiros CDs de rap, ou que antecederam o rap. A banda era do Bronx e estava firmemente ligada ao nascimento do hip hop, na década de 1970.

Com o surgimento do rap, vieram também as batalhas de MCs, disputas de rimas em que um Mestre de Cerimônia atacava o outro. Esse tipo de batalha também é antigo na poesia falada, e vai desde os trovadores até os nossos repentistas nordestinos. Tudo isso se junta com a influência da poesia modernista, concreta e marginal dos anos 1970. Jim Morrison, Chacal, Leminski se misturam a nova literatura periférica: Sérgio Vaz, GOG, Ferréz.

1.2. Tema

A tendência de fusão entre espaços e grupos de rap e poesia nas grandes cidades. A arte como função social e o poeta como protagonista de sua própria história. O momento da performance da *spoken word*, o fenômeno do sarau nos dias de hoje, principalmente na periferia e como contracultura.

1.3. Objetos de pesquisa: RAP e *spoken word*.

1.4. Objetivos: realizar uma grande reportagem escrita sobre o tema pesquisado, que será publicada futuramente em formato virtual. Uma publicação impressa também será pensada após a conclusão do curso, para calcular gastos e possibilidades de distribuição para às pessoas e comunidades visitadas.

Compartilho com vocês o resultado das minhas pesquisas sobre rap e *spoken word*.

2. Contextualização

2.1. Origens: as rinhas de MCs e o poetry slam

As batalhas de rap surgiram no próprio berço do movimento hip hop: o bairro nova-iorquino do Bronx. Nos anos 70, nas ruas e nas festas do Bronx e de outros bairros latinos e jamaicanos de NY, jovens do gueto rimavam as carências e a violência do seu cotidiano, escreviam seus nomes e mensagens nos muros, tinham um jeito especial de dançar. Em 74, um dos padrinhos do movimento, o DJ Afrika Banbaataa cunhou o termo hip hop, estabelecendo seus quatro pilares: o rap, o DJing (discotecagem), a *breakdance* e o grafite.

O hip hop, sendo um movimento cultural múltiplo, também engloba outros elementos da cultura negra dos guetos nova-iorquinos, como o *beatbox* (sons feitos com a boca que criam uma batida para acompanhar o rapper), a moda e as gírias. Todos esses elementos foram surgindo mais ou menos ao mesmo tempo e se influenciam mutuamente. A rima do rapper acompanha as batidas do DJ, para dançar essa música surgem os passos da *breakdance*, para se identificar as calças largas, para protestar, o grafite. Todos esses movimentos artísticos surgem como resposta às más condições de vida, ao preconceito, à negligência e à truculência com que os negros e os latinos são submetidos em seus guetos, onde a violência é o caminho mais curto para mudar de vida. Daí, o hip hop tem necessariamente uma característica social e política muito forte, de revolta e denúncia, mesmo que possa festejar e celebrar.

Mesmo que o movimento hip hop tenha-se erguido como um todo em Nova Iorque, alguns de seus elementos de fato vieram da Jamaica com jovens emigrantes fugindo da crise econômica dos anos 1960. Um desses jovens foi especial na história do rap: o DJ Kool Herc, que introduziu os sistemas de som nas festas em galpões do Bronx. Esses *sound systems* já animavam os bailes nos guetos jamaicanos, onde *toasters*, verdadeiros mestres de cerimônia (MCs) comentavam os problemas da ilha em suas intervenções, mas também cantavam sobre sexo e drogas. Seu papel era animar e provocar o público. O *toast*, também chamado de canto falado é o predecessor do rap, e consistia em fazer versos ritmados sobre a batida das músicas instrumentais dos *sound systems*.

Em Nova Iorque, o Ritmo&Poesia (tradução literal das siglas de RAP) se consolidou com a presença cada vez mais forte dos MCs nas festas. Aqui é importante diferenciar rapper de MC: rapper é todo aquele que faz rap, que canta rimas, mas a função do MC está mais ligada ao público, ele tem que saber improvisar rimas para lidar com as situações do momento e animar a festa.

Mas no começo dos anos 1980, o MC Busy Bee movimentou a cena com rimas nem um pouco festivas ou animadas. Suas rimas agressivas eram direcionadas contra outros MCs, que logo exigiam seu direito de resposta. Essas batalhas de rimas *free style* (estilo livre,

improvisadas) causaram ainda mais comoção no público, que escolhia seu preferido através dos aplausos, e se popularizaram no rap.

Segundo o escritor, educador social e membro da Zulu Nation (ONG fundada pelo DJ Afrika Banbaataa que faz trabalhos sociais ligados ao hip hop em comunidades pobres e violentas, tentando influenciar o comportamento das gangues), DJ TR, em seu [site](#):

“Cabe lembrar que pelo fato do hip-hop ser uma cultura criada um meio a desordem social, batalhas como estas estão presentes em todos os elementos do hip-hop, em formatações respectivas à cada atividade: no graffiti, existe a batalha de cores; no *breakin'*, no *poppin'* e no *lockin'*, a batalha da dança; no DJ, a batalha de *scratch*; e no rap, a batalha de MCs...Ao contrários dos conflitos das gangues de rua, por disputas de território, estas batalhas só servem para entreter as pessoas e testar o nível de capacidade de cada competidor.”

Na poesia, o caminho até as batalhas foi um pouco diferente. Os principais espaços de divulgação de poesias eram os saraus, prática do século XIX que reunia a elite em torno de apresentações de música, dança, teatro, poesia e diversos tipos de arte. Até que em 1986, em Chicago, o operário e poeta Mark Smith começou a organizar com outros artistas noites de performances poéticas ou poesia falada em clubes e escolas de seu bairro. Os poetas apresentavam suas obras e as melhores poesias eram escolhidas pelo público. Nascia o *slam poetry*, a batalha de poesias. As competições atraíam cada vez mais pessoas e a prática logo se espalhou por outros estados americanos, culminando no primeiro *National Poetry Slam* em 1990. O slam passou a ser praticado em outros países e em 2002 houve o primeiro campeonato internacional em Roma. Hoje a principal competição internacional é a *Coupe du Monde de Poesie Slam*, em Paris (a França é o segundo maior consumidor de rap no mundo, depois dos EUA). A principal estudiosa do fenômeno *slam* no Brasil é Roberta Estrela D'Alva, que aborda o assunto em seu artigo [Um microfone na mão, uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena](#), de 2011, pela PUC de São Paulo. Sobre seu trabalho há 14 anos com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, que mistura teatro com hip hop, Roberta também escreveu a tese [A performance poética do ator-MC](#), em 2012, também pela PUC-SP.

Com características do rap, as batalhas de poesia integram performance, discurso e poesia. São espaços mais abertos, dinâmicos e descontraídos do que os saraus, atraindo artistas independentes e um público diverso. A intenção do criador do *slam* era popularizar e poesia falada e até hoje todo *slam* é aberto ao público e geralmente também tem um júri popular, o que o aproxima ainda mais do rap.

Em um *slam*, os competidores levam suas próprias poesias e podem se inscrever na hora, fazem sua apresentação artística (geralmente não é permitido acompanhamento musical ou adereços e figurino) e recebem sua nota do júri popular, escolhido aleatoriamente entre os presentes. Os melhores passam para a próxima etapa e são eliminados até o melhor *slammer* ser escolhido. Para Roberta Estrela D'Alva o diálogo de diferenças é o ponto central dessa manifestação:

“Nesse sentido, os *slams* que, inicialmente têm como mote a competição, tomam a proporção de uma celebração, que conta com um mestre de cerimônias, chamado *slammaster*, e onde a palavra é comungada entre todos sem hierarquias. Um círculo poético onde as demandas “do agora” de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que esta vivencia”.

[D’ALVA, Roberta Estrela. [*Um microfone na mão, uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena*](#) [graduação]. São Paulo, PUC, 2011]

Desde os anos 90 já se pode notar a presença de MCs como Mos Def nas batalhas de poesia. E obviamente, entre os premiados.

No Brasil, na periferia da zona sul de São Paulo, a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) realiza há 12 anos seu sarau de poesia semanal, atraindo consumidores de rap e MCs. Por lá já passaram grandes nomes do rap nacional, como Criolo e Emicida. Em São Paulo, há outros saraus do tipo, como o Suburbano e o Sarau RAP. São Paulo também é palco de várias competições de rap *free-style*, as batalhas de MCs.

Mas em várias outras cidades já se pode presenciar o mesmo fenômeno, como no Sarau Vira-Lata de Belo Horizonte, que surgiu a partir do Duelo de MCs da cidade. Em Brasília, no Sarau da Caligrafia Mardita, a *crew* (“gangue”) do grafite se uniu a do rap que se uniu a da poesia, que hoje é a que abriga todos. Em Goiânia, o Slam do Livramento começa a reunir os poetas e rappers locais.

O primeiro *slam* brasileiro, também em São Paulo, foi o ZAP!, Zona Autônoma da Palavra, em dezembro de 2008. A poesia falada, a celebração e a diversidade também são características presentes no ZAP!, como está em seu próprio [site](#):

“A cada encontro, pessoas das mais diferentes idades, profissões, visões de mundo, anseios e crenças reúnem-se para compartilhar palavras, idéias, experiências e pontos de vista. Em meio a polifônica e barulhenta São Paulo, uma suspensão no tempo-espço. Silêncio. Todos param para ouvir, ver e sentir: POESIA.”

2.2. Influências

Já vimos como o rap e a poesia vêm se influenciando ao longo do tempo, mas tanto as batalhas de MCs quanto os *slams* receberam influências diversas que moldaram suas particularidades. Vejamos algumas delas.

Jazz poetry: a poesia do jazz do final dos anos 70 nos Estados Unidos influenciou toda a poesia falada. Gil Scott-Heron, compositor de jazz escreveu músicas como "The Revolution Will Not Be Televised" é referência para vários rappers americanos. O grupo Last Poets também declama poesias políticas ao som de baterias.

Spoken Word: a palavra falada é uma apresentação artística de textos ou poemas, de forma performática, com ou sem fundo musical. Os escritores beatniks Allen Ginsberg e Jack Kerouac, participavam de encontros de palavra falada. Também artistas como Laurie Anderson, Jim Morrison, Patti Smith, Iggy Pop, Tom Waits são famosos por proclamar textos em shows. Hoje uma cantora brasileira que utiliza da palavra falada é a rapper Lurdez da Luz.

Modernismo: os artistas modernos de 1920 foram os primeiros a perceberem o abismo entre o português escrito nos livros e o falado nas ruas. Podem não ter sido uma influência direta para o rap, que usa da mesma linguagem coloquial em suas poesias, mas com certeza influenciou os jovens poetas urbanos, que hoje participam de saraus e *slams*.

Repente: no Brasil pode-se ver uma clara conexão entre as batalhas de MCs e os duelos de repente, originados no nordeste. O rapper maranhense RAPadura é um bom exemplo desse diálogo.

2.3. Desenvolvimento

A Copa do Mundo de *Slam Poetry* que acontece na França desde 2002, reúne hoje 16 países participantes, trazendo suas visões de mundo e cotidianos próprios para uma troca criativa e dinâmica. As apresentações são traduzidas simultaneamente. O evento é organizado pela Federação Francesa de *Slam Poetry* e dura três dias, lotando as ruas de Paris de *slammers* do mundo todo. A competição já recebeu *slammers* brasileiros e em 2011 a rapper Roberta Estrela D'Alva ficou em terceiro lugar entre os melhores do mundo.

De volta ao Brasil, a rapper Roberta Estrela D'Alva fundou em São Paulo o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e seu principal projeto cultural, o ZAP!, primeiro slam brasileiro. Na atualidade, o evento atrai olhares de outros estados e a influenciar outros slams como o Menor Slam do Mundo, em São Paulo e o Slam do Livramento, em Goiânia.

Os saraus da Cooperifa e do Suburbano, que acontecem há dois anos no bairro do Bixiga, em São Paulo, são os principais eventos com a presença tanto de poetas quanto de rappers e que tem uma ligação maior com as favelas e o movimento hip hop em São Paulo. São bastante divulgados por atraírem Objetivos a presença de rappers já conhecidos na cena musical como Emicida e Projota.

3. Justificativa

Esse trabalho se justifica pela escassez de estudos e produtos na Comunicação Social sobre o fenômeno da poesia falada e principalmente sobre a poesia contida nas letras de rap. Conhecendo esse fenômeno a fundo, podemos traçar suas raízes na poesia mundial e brasileira, percebendo sua influencia em todos os campos das artes até os dias de hoje.

Depois do Modernismo e do Tropicalismo, a chamada Poesia Marginal de autores como Leminski e Chacal mudou o fazer poético brasileiro. Suas raízes não são os grandes

clássicos literários, mas sim os movimentos de contra-cultura e os ambientes mais excluídos de nossa sociedade, como os guetos e as favelas. É daí também que surge a poesia dos sambas, com Cartola e Noel Rosa e finalmente a poesia do rap com os MCs do hip-hop, como Criolo e Marechal.

É importante resgatar essas raízes para nos voltarmos novamente para o cotidiano, principalmente aquele vivido pelas camadas mais pobres da população, como forma de inspiração e compreensão do mundo em que vivemos. Essas expressões artísticas vem sendo menosprezadas pela indústria cultural e pelo cânone literário, mas trouxe mais liberdade e verdade para as artes brasileiras.

Também pretende lançar novos olhares sobre a poesia falada, como uma arte sem fronteiras, livre e democrática e sobre o fenômeno do poetry slam, como ambiente de criação e inovação, que deve ser incentivado na realidade das grandes cidades, para que a poesia esteja cada vez mais próxima das pessoas.

4. Objetos da pesquisa

4.1. O Rap

4.1.1. Lugar de fala e tendências

O rap já tem em seu nascimento uma das principais características que marcam esse estilo musical até hoje: o seu lugar de fala. Seja na Jamaica, nos Estados Unidos ou no Brasil, o rap é a voz dos guetos, das favelas. Essa é a sua principal identidade e é assim que o rap vem sendo feito desde seu surgimento: por rapazes (e hoje também muitas moças) pobres, pretos, vulneráveis, acostumados com o cotidiano violento dos locais esquecidos pelo poder público. Mesmo que hoje o rap tenha se popularizado e se misturado com tendências musicais de vários países diferentes, pode-se dizer que o rap dentro do movimento hip hop não é muito flexível nesse aspecto. Há uma espécie de preconceito, ou mesmo código de honra: rap não é para mauricinhos, para quem tem vida fácil e há resistência até que ele seja feito por brancos.

"Rap é compromisso,

Não é viagem" – Sabotage

Um recorte dessa realidade pode ser visto no documentário [Favela no Ar](#), co-produção entre a brasileira 13 Produções, a dinamarquesa Rosforth e a sueca Stocktown, de 2007, do qual participam muitos dos principais nomes do rap nacional: o próprio Sabotage e os rappers Helião, Dexter, Negra Li, os integrantes do grupo RZO, entre outros, dando seus depoimentos sobre o cotidiano das favelas paulistas.

"O rap é a chave. O rap é a única música que reúne multidões pra falar de consciência", defende o rapper Dexter de dentro da Penitenciária Nilton Silva, no município de Franco da Rocha, na região metropolitana de São Paulo. As cenas foram gravadas em julho de 2002. Dexter, então com 29 anos, estava preso há três anos, condenado

a mais 55 anos de prisão por assalto à mão armada. A pena inicial era de cinco anos e oito meses, mas sem orientação jurídica e desesperado, Dexter se rendeu ao crime e logo fugiu de delegacia em que estava detido em Serra Negra. Em quatro dias, se envolveu em cinco assaltos e um homicídio. Dexter foi recapturado e viu sua pena ser aumentada em dez vezes, como conta a reportagem de 2012 do Estadão, [O resgate do soldado Dexter](#).

O rapper foi solto em 2011, depois de 13 anos de cárcere. Mas o tempo que Dexter passou na cadeia não foi em vão. Lá, ele formou o grupo 509-E e gravou o CD *Exilado Sim. Preso Nunca.*, lançado em 2005. O nome do grupo era o número da cela em que ele e o rapper Afro-X moraram enquanto estiveram presos juntos no Carandiru. Lá, os companheiros viram o surgimento e o desenvolvimento do PCC (Primeiro Comando da Capital) dentro das cadeias brasileiras. Para Dexter, em [entrevista para o portal cubano desInformémonos](#) de 2011, a vida na cadeia melhorou depois do PCC, “Muita coisa mudou pra melhor, antigamente morria-se muito dentro da prisão, hoje não mais. Foi política implantada: “não morre mais ninguém”.”, afirma. Afro-X foi solto em 2003 e o grupo terminou.

As músicas do 509E contavam a realidade carcerária brasileira, alertando quem os ouvisse, “principalmente as crianças” afirma Dexter no documentário, para que não seguissem o mesmo caminho e enfrentassem a mesma punição.

O documentário conta a história do rap paulistano através dos seus principais expoentes nos anos 1990 e começo dos anos 2000, com todo o contexto de violência e criminalidade que envolvia o rap nacional dessa época, com muita influência do *gangsta rap* norte-americano.

A própria história do rap e seus personagens também se encontram nas letras. O sentimento de milhões é personalizado e entendemos melhor de onde esses artistas falam.

"Varias vezes me senti menos homem

Desempregado e meu moleque com fome

É muito fácil vir aqui me criticar

A sociedade me criou agora manda me matar

Me condena à morrer na prisão

Virar noticia de televisão

Seria diferente se eu fosse mauricinho

Criado a sustagem e leite ninho

Colégio particular depois faculdade

Não, não é essa minha realidade

Sou caboclinho comum com sangue no olho

Com ódio na veia, soldado do morro

Feio e esperto, com uma cara de mal

A sociedade me criou: mais um marginal"

MV BILL

O rapper americano Eminem, que começou a fazer sucesso na grande mídia no final dos anos 90, é o único rapper branco que conseguiu chegar às gravadoras e manter a "*street credibility*", a credibilidade das ruas, ou seja, a aceitação dos outros rappers e das comunidades onde o rap é feito. Mas isso não quer dizer que Eminem não teve que vencer os preconceitos: quando se mudou para Detroit, vindo do Kansas, encontrou uma comunidade negra, fechada e com regras bem rígidas. Filho de uma gravidez não planejada na adolescência da mãe, Eminem não conheceu o pai e tinha vários problemas familiares. Ao se mudar para Detroit também passou a ser perseguido e sofrer *bullying* por ser branco, conheceu as gangues e a violência das ruas e acabou se envolvendo em pequenos crimes. Abandonou a escola e começou a participar das batalhas de MCs. Sua fita finalmente chegou ao rapper Dr. DRE, magnata do hip hop, que gostou do som e nem imaginava que era feito por um branco. Eminem, que já tinha ouvido que não faria sucesso no ramo por causa da sua cor, recebeu o tratamento contrário de Dr. DRE: "Eu não me importo que tamanho, cor ou idade você tem, desde que você possa fazer rap".

Mesmo que hoje em dia seja relativamente mais fácil para um rapper branco fazer sucesso, como prega o paulista Criolo ("Eu não sou preto, eu não sou branco, eu sou do rap, eu sou bem isso"), o movimento negro tem uma arma forte no movimento hip hop e muitas vezes a temática dos raps traz elementos do orgulho negro.

O "lugar de fala" do rap além de traçar o perfil dos rappers também define as principais temáticas. Desde seu início na Jamaica, a denúncia e o protesto são características intrínsecas ao rap. As dificuldades, a pobreza e a violência da comunidade são expostas sem artifícios, de forma raivosa, mobilizando o público a ter uma visão crítica e contestarem a situação em que se encontram. Hoje, com a globalização e a facilidade de acesso à informação, as denúncias ultrapassam as favelas e recaem sobre toda a sociedade capitalista tecnológica: que exclui e escraviza, destrói os recursos naturais e impede o desenvolvimento da comunidade humana, como podemos ver nessa música do MC Shawlin:

*Os carros, as casas, os bairros, as massas, as ruas, favelas, vielas e praças
As grades e muros, homens pioneiros, toda liberdade pra ser um prisioneiro
Os carros, as casas, os bairros, as massas, as ruas, favelas, vielas e praças
As grades e muros, homens pioneiros, toda liberdade pra ser um prisioneiro*

*É um passo dar o primeiro passo, é um fato mas em todo o caso
eu vejo e tudo é desejo, eu faço sem saber o que acho
respiro o que não é pros vivos e vivo cheio de cansaço
Eu prefiro ser um ser nocivo e assim viver de quem tá em baixo*

*Meus olhos tão sendo encerrados que o veneno vem a ser algo errado
 O mundo ficando abafado, o trânsito tá engarrafado
 e andando de modo arrastado. Tá tudo como deveria:
 progresso pro mais abastado e o resto no banho-maria
 O tédio já virou mania, as manias já viraram tédio
 Tem prédios na periferia e favelas na periferia dos prédios
 É um hobby rico fazer lobby
 O Estado sangue bom que cobre, põe a mesa quando é pra empresa
 Não pode quando é pro pobre*

*Pros nobres tanta gentileza, foi com muita delicadeza que dizem que a gente é
 que sofre,
 que é nobre você ser a presa
 E trabalhando de coração em pró da sua corporação, vivendo igual decoração
 Sua função é melhorar o ambiente pros outros
 Não há nada de igual, cada qual tá com seu cada
 Uns vão de busão e quem é patrão vai de caranga importada
 Tantos rostos aqui reunidos me dizem um pouco mais que nada
 Tantos nossos aqui reunidos, todos nessa mesma cara
 dão sua contribuição pra essa nossa fábrica de mágoas
 Não é o trânsito, é o concreto, talvez algo que tenha na água
 Todos juntos andam lado a lado e nada foi combinado,
 tão dividindo o mesmo espaço sem nem ter sido convidados,
 todos completos estranhos entre si são diferentes, entre si tão diferentes
 Nem parece ser da mesma gente, mas o que une é o que separa
 Dias piores não tão por vir, todos unidos em blocos, competindo entre si
 Eu não sei se eu entendi, mas uma coisa eu aprendi: que esses carros não vão
 voar
 vão fica engarrafado aqui, que a cidade tem ódio, mas sempre amou te dizer,
 você não odeia a cidade, ela que odeia você...
 refrão*

*É engraçado e poucos estão ligados, mas muitos se sentem sozinhos
 se preocupam com o que tá lá longe, mas não ajudam nem sequer os vizinhos
 Apressa em não perder o bonde, confessam não saber pra onde,
 se a meta leva ao topo a sua mente ou só até o sopé do monte
 Paredes tão cheias de pixos e ruas tão cheia de lixos, é um mundo mais
 civilizado
 Não há espaço pra nem mais um bicho, não há espaço pra mais nenhuma vida
 nem vida gira livremente, tem vida social ativa e não atença aguçar a mente
 Agora eu vejo claramente o imundo em algo limpo
 democracia é só um escudo fajuto, porém se mantém distinto
 São câmeras de seguranças protegem todos os recintos,
 mas nada como a esperança pra crer não poder ser extinto
 Bem vindos a mais grande floresta e ela é fria e cinzenta,
 são formigas na dispensa consumindo esse planeta*

*Quem não vive ao menos tenta, uns tornam a selva violenta
 Aqui é sangue misto com água benta, pra mim tá pedindo um cometa
 O Império tá tão decadente e evita de seguir em frente,*

*que se ele tivesse um rosto não ia nem poder mostrar os dentes
 Mas pelo ouvido de um defunto, se eu analisar o conjunto
 envelheci, fiquei mais alto e os muros aumentaram junto
 Só protegendo os meus assuntos, tudo tá indo bem
 Se eu te der chance de fuder tudo eu duvido que você não vem
 Eu te ajudo a tu ser feliz e ter tudo o que você não tem
 Se o peão se largou da raiz, vem pra cá doido para ser alguém
 e você testa assim também, ou pelo menos há promessa
 ou pelo menos você pensa, pelo visto não contesta
 se o que resta é tentar ser feliz com chuva ou com festa,
 porque a bruxa tá á solta e ainda a bruxa tá com pressa
 A cidade tem 1001 coisas boas
 de ver
 de se ter
 de sentir
 de comprar
 de vender
 porque cidade tem vida, mas nunca ousou te dizer
 você não vive na cidade, ela que vive em você*

Mesmo que essas temáticas sejam predominantes, o sexo e as drogas também sempre estiveram presentes nas letras de rap e nas festas em que elas eram cantadas. Essas características culturais também são reflexo das condições dos guetos, e podem ser estimuladas ou contestadas pelos diferentes rappers.

Nos Estados Unidos, houve a partir dos anos 90, uma forte vertente do rap que retrata o mundo do crime de dentro, com muita violência e ostentação: o *gangsta rap*. Essas músicas, feitas por *gangsters* alcançaram grande sucesso na mídia e representavam uma verdadeira luta de gangues. Os rappers rimavam sobre racismo, violência e o ódio que sentiam uns pelos outros e eram acusados de incentivar o crime e a violência, pois mostravam os "benefícios" do crime: o poder, o dinheiro, as drogas e as mulheres. Se destacam nesse gênero o rapper 2pac e o grupo N.W.A., formado em 1986 por Dr. Dre, MC Ren, Eazy-E, Ice Cube e nas pickups, o DJ Yella. A música *Fuck tha Police* resultou numa represália do FBI contra o grupo N.W.A.

Essa vertente teve grande repercussão nos anos 90 até meados dos anos 2000, mas hoje já perdeu muito de sua força. Ela é contestada pelo próprio criador do termo hip hop, o DJ Afrika Bambaataa, que largou a vida das gangues para defender os valores de "Peace, Love & Unity" no hip hop.

Hoje, o rap dentro do movimento hip hop pode abranger praticamente qualquer temática, mas sempre mantém o seu lugar de fala como voz dos guetos.

4.1.2. Histórico: o rap no Brasil

Já vimos que o movimento hip hop surgiu no final dos anos 70, no bairro do Bronx, em Nova Iorque, em comunidades pobres afroamericanas, com vários de seus elementos

trazidos da Jamaica. O rap, um dos pilares mais reconhecidos do movimento hip hop, também teve seu início nesse período, nas festas jamaicanas animadas pelos sistemas de som. Nessas festas, os Mestres de Cerimônias empolgavam o público com rimas ácidas sobre temas da comunidade, cantando em cima da música dos sistemas de som. Esse "pré-rap" era chamado de *toast*.

Esse estilo de festa foi trazido para os Estados Unidos pelo DJ Kool Herc, um dos responsáveis por criar e divulgar a discotecagem (*scratch*) e o próprio rap. O primeiro disco de rap para o grande público foi lançado em 1978 e traz um estilo mais dançante, influenciado pelo reggae, pelo funk e pelo jazz. Essas influências fortes da cultura afroamericana eram ainda mais presentes nas gravações anteriores, geralmente piratas, do início dos anos 70. Um exemplo é o da banda The Last Poets, uma das primeiras a experimentar a *spoken world*, declamando textos exaltando a negritude em cima de tambores africanos.

O rap, também chamado nos Estados Unidos de *emceeing* é o ato de rimar em cima de uma batida acelerada, que pode ser feita pelos DJs nos *sistemas de som*, por músicos (mais raro) ou pelos *beatboxers* com a boca. Os rappers escrevem suas letras geralmente antes da performance, mas aqueles que são chamados de MCs, Mestres de Cerimônia, improvisam suas letras com a situação do momento e "atacam" o outro rapper com rimas provocativas, agitando o público. Os aplausos decidem qual MC foi melhor e venceu a batalha. Era através dessas batalhas que os rappers iam ficando mais conhecidos e ascendendo na comunidade, chamando atenção de cada vez mais pessoas, até conseguirem chegar às rádios e gravadoras.

Ao longo dos anos, o rap foi evoluindo e interagindo cada vez mais com as tecnologias musicais, que permitiam ao DJ recortar e colar vários pedaços de música, fazendo experimentações e inovações. O estilo foi se espalhando pelo mundo e fez muito sucesso em países como a França e o Brasil.

Por aqui, o rap chegou na década de 80 nas periferias de São Paulo e o primeiro disco do gênero foi lançado apenas 10 anos após o primeiro disco americano: Hip Hop Cultura de Rua (Em Portugal, o primeiro disco só foi lançado em 1994), revelando os talentos de Thaíde e DJ Hum e outros.

Mas mesmo antes da chegada do rap no Brasil, já haviam sido lançadas músicas com características do gênero. Jair Rodrigues é considerado por muitos o precursor do gênero no Brasil, com a música *Deixa isso pra lá*, de 1964. Segundo o [portal RapNacional](#), o cantor tinha uma ligação forte com o hip hop e era amigo pessoal de Rappin Hood, com quem gravou uma versão de [Disparada](#).

Porém, essa não é a única faceta do rap no Brasil. Rappers importantes como o próprio Rappin Hood se lembram do repente nordestino como um precursor do rap brasileiro. Essa relação é uma característica única do cenário musical brasileiro e une o sertão com a cidade e o tradicional com o moderno. Como grande parte dos habitantes de São Paulo tem origem nordestina é razoável pensar que já havia na memória dessas pessoas a cultura do repente, que foi influenciada e influenciou o rap vindo dos Estados Unidos.

De fato, um dos percursores do hip hop em São Paulo foi o pernambucano Nelson Triunfo. Da cidade de Triunfo, no sertão do Pernambuco, Nelson chegou a São Paulo depois de passar pela Bahia e pelo Distrito Federal. Dançarino, foi um dos primeiros a levar o *breakdance* para as ruas de São Paulo, com seu grupo Nelson Triunfo e Funk & Cia., enfrentando a repressão dos últimos anos da ditadura militar, em 1983 e 1984.

Ícone da cultura hip hop, Nelson Triunfo carrega além do rap, a embolada, o baião, o frevo, o maracatu, o forró e outros ritmos regionais brasileiros. “O rap é perfeito para a embolada”, defendem os integrantes do Faces do Subúrbio, no documentário [O rap do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas](#), de Paulo Caldas e Marcelo Luna (2000). O documentário também traz o depoimento dos Racionais MCs no início da carreira e mostra a realidade de duas periferias brasileiras: o Capão Redondo, em São Paulo, onde está o grupo, e Camaragibe, “cidade-dormitório” de Recife, no Pernambuco, onde morava e atuava o justiceiro Helinho, preso por 44 homicídios aos 21 anos de idade. A violência imposta e o escape pela arte se repetem na historia dos meninos das periferias por todo o país. É nesse meio que o rap cresce e se desenvolve.

O primeiro ponto de encontro do movimento hip hop em São Paulo foi a estação de metrô São Bento e depois a Praça Roosevelt. Nesses espaços *rappers* e *b-boys* (dançarinos de *breakdance*) se reuniam para divulgar o movimento e interagir. Os rappers dessa época foram apelidados de tagarelas e não eram bem aceitos pela população, por causa das letras violentas e relacionadas a vida na favela.

Em 1984, com o show do grupo americano Public Enemy, o rap foi divulgado para um grande número de pessoas e se difundiu entre as periferias. Em 88, depois do CD Hip Hop Cultura de Rua, foi lançado o CD Consciência Black, que lançou um dos grupos de rap mais importantes do Brasil: os Racionais MCs. Nos primeiros álbuns, vemos grande influência do funk americano na sonoridade, e a apresentação do movimento hip hop para o público brasileiro nas letras, relacionado com a realidade das favelas brasileiras. Novas gravadoras foram surgindo de pessoas que organizavam os bailes *blacks* e em 1980 tivemos também essas coletâneas: Ousadia do Rap, de Kaskata's Records, O Som das Ruas, de Chic Show, Situation RAP de FAT Records.

Ao longo dos anos 90, o rap se popularizou no Brasil e chegou finalmente as grandes rádios. O grupo Racionais MCs, formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay, foi um dos grandes responsáveis por essa expansão, com suas letras agressivas sobre a desigualdade social, a violência, o tráfico de drogas e o abuso policial. Seu primeiro CD [Holocausto Urbano](#) foi lançado em 1990, trazendo clássicos como Racistas Otários, denunciando a perseguição que os negros favelados sofrem pela polícia e por toda a sociedade:

"O sistema é racista e cruel

Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus

Os sociólogos preferem ser imparciais

E dizem ser financeiro o nosso dilema

Mas se analisarmos bem mais você descobre

Que negro e branco pobre se parecem

Mas não são iguais"

O grupo lançou Escolha seu Caminho em 1992 e em 1993 veio o disco que consolidou esse novo mercado e tendência no Brasil: Raio X do Brasil. As faixas *Fim de Semana no Parque* e *Homem na Estrada* chegaram as rádios, trazendo pela primeira vez a voz das favelas analisando os problemas sociais brasileiros. O show Raio X do Brasil atraiu mais de 10 mil pessoas em São Paulo e foi responsável por colocar o grupo para abrir o show do grupo americano Public Enemy.

No Rio de Janeiro, MV BILL já participava da cena hip hop, tendo sua primeira música gravada na coletânea Tiro Inicial, em 1993. Seu primeiro disco só veio em 1999 e Traficando Informação ganhou o Prêmio Hutúz de melhor álbum, dado pela Central Única das Favelas (CUFA), organização cultural e educacional voltada para o movimento hip hop. O Hutúz é hoje o maior festival de rap da América Latina. Hoje, MV BILL já ganhou diversos prêmios pela sua música e devido a sua atuação social, como o prêmio da UNESCO em 2004. MV Bill também lançou o livro Cabeças de Porco e o DVD Falcão - Meninos do Tráfico, ambos em 2005.

Ainda no Rio de Janeiro, em 1993 surge a banda Planet Hemp, que mistura hardcore, funk, hip hop e reggae. O encontro dos rappers D2 e Skunk com os músicos Rafael Crespo, Bacalhau e Formigão possibilitou a criação de um som sem precedentes na música brasileira, abordando problemas sociais e defendendo sempre a legalização da maconha.

Tanto MV Bill quanto o Planet Hemp geraram muita polêmica com seus primeiros álbuns, sendo acusados de apologia ao crime e ao tráfico e tendo algumas de suas músicas censuradas. A luta com as autoridades faz parte do cotidiano dos rappers. No mesmo período surgia Gabriel, o Pensador, que teve sua primeira música *Tô Feliz (Matei o presidente)* censurada cinco dias depois de ser lançada.

Sem especular muito, é interessante que Gabriel, o Pensador, logo consegue um contrato com a gigante Sony e é bem aceito pelo grande público, diferentemente de seus outros colegas rappers. Gabriel, o Pensador, branco, universitário, alcança grande sucesso com suas músicas *Loraburra*, *Retrato de um Playboy* e *175 Nada Especial*, que teve videoclipe com a participação de várias celebridades.

Na contramão das músicas mais "leves" de Gabriel, o Pensador, surge em 1995 o principal grupo de *gangsta rap* brasileiro: o Facção Central, em São Paulo. Seus primeiros álbuns Família Facção, em 93, e Juventude de Atitude, em 95, chocaram trazendo o cotidiano do crime, da pobreza, da violência e da repressão policial. O videoclipe de *Issso aqui é uma Guerra*, veiculado na MTV, trouxe para dentro das casas brasileiras a realidade crua da luta de classes no Brasil. Proibido depois pelo Ministério Público, que também processou o grupo,

as imagens fortes do clipe reforçam os versos da letra, que vêm como tiros na hipocrisia da sociedade brasileira: "A fome virou ódio e alguém tem que chorar".

É também nesse período que o rap começa a se consolidar na região metropolitana de Brasília, com a gravadora Discovery lançando os grupos Cirurgia Moral, Câmbio Negro, Código Penal e outros. Esses grupos rimavam sobre a realidade das cidades satélite de Brasília, sempre excluídas dos benefícios estatais. O estilo pesado, sobre o cotidiano do crime, era influenciado pelos grupos Facção Central e Pavilhão 9.

O intercâmbio cultural entre o DF e São Paulo começa com a apresentação da dupla paulista Thaíde e DJ Hum em Brasília, em 1989. O movimento hip hop vai se desenvolvendo, criando grupos de *breakdance* e rap. O rapper GOG, um dos pioneiros do movimento no DF, grava uma música pela gravadora paulista Kaskata's em 1990 e o álbum *Peso Pesado* pela Discovery em 1992. No ano seguinte, GOG lança seu selo independente *Só balanço* para divulgar seu trabalho e apresentar novos talentos do hip hop. A marca vai aumentando de proporção, se torna loja de discos em 96 e depois gravadora. GOG e a *Só Balanço* foram fundamentais para fomentar o movimento hip hop no DF, divulgando as músicas em rádios comunitárias e incluindo Brasília na cena do rap nacional. Desde o início de sua carreira GOG recebe a alcunha de poeta e defende uma aproximação com a literatura marginal e os movimentos culturais para a evolução do rap. GOG já fez trabalhos com a banda de reggae Natiruts, o cantor Lenine, Maria Rita e outros. A música [Brasil com P](#) exemplifica porque GOG pode ser considerado um poeta entre os rappers brasileiros:

Pesquisa publicada prova

Preferencialmente preto

Pobre prostituta pra polícia prender

Pare pense por quê?

Prossigo

Pelas periferias praticam perversidades parceiros

Pm's

Pelos palanques políticos prometem prometem

Pura palhaçada

Proveito próprio

Praias programas piscinas palmas

Pra periferia

Pânico pólvora pa pa pa

Primeira página

[...]

No final dos anos 90, o rap brasileiro já tinha reconhecimento internacional e o CD *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MCs foi eleito pela Rolling Stone o 14º melhor disco brasileiro de todos os tempos. Marcelo D2, agora em carreira solo, também fez sucesso em países como Estados Unidos e França, com sua mistura de samba e rap.

Já do meio dos anos 2000 para cá, com a perda de status das gravadoras, vemos florescer em São Paulo uma nova cena do rap. Artistas vinculados a gravadora "Laboratório Fantasma" como o Emicida, Rashid, Projota, Criolo Doido ou Kamau são os principais nomes desse rap mais flexível na sonoridade e nas letras. Mantendo a crítica aos problemas sociais, essa nova vertente traz um estilo mais ágil, com músicas dançantes e experimentações. Muitos desses artistas tiveram suas origens nas batalhas de MCs e tem grande relação com a *spoken world*, participando dos saraus da COOPERIFA. O evento foi homenageado no [documentário Sarau da Cooperifa](#), da DGT. Rappers mais antigos como Mano Brown também sentem grande carinho pela Cooperativa, que ajudou a formar a identidade cultural das favelas.

Criolo, que também participou desses eventos, foi responsável pela criação da Rinha de MCs, em 2006, evento onde os MCs improvisam suas letras e o público escolhe o melhor através dos aplausos. Daí também surgiram vários artistas da cena paulista.

4.2. A poesia falada (*Spoken word*)

4.2.1. Definição. Forma de expressão artística em que uma poesia, música ou história é performada por um artista para o público. Pode ser acompanhada de fundo musical, mas tem o foco no texto e na maneira em como ele é interpretado, com gestos, tons de voz e expressões faciais. Devido ao seu imediatismo e ao contato direto com a audiência, geralmente traz temas contemporâneos e linguagem coloquial.

Tem grandes laços com a tradição de contar histórias, o movimento hip-hop, o modernismo, a performance pós-moderna, o teatro de monólogo e no campo da música com o jazz, o blues e a *folk music*.

4.2.2. Histórico

Sabemos que a tradição de declamar textos, histórias e versos para o público é tão antiga quanto o próprio fazer poético e deve, inclusive, ser anterior à escrita. De fato, muitos dos textos mais antigos que conhecemos hoje parecerem ter sido compostos de forma poética para facilitar a memorização e a réplica nas sociedades de cultura oral. Só depois teriam seu registro escrito.

Assim, vemos que desde os vedas indianos, datados de 1700 A.C., passando pela Odisséia grega (800-600 a.C.) e pelas canções medievais, a poesia falada sempre foi considerada uma forma eficiente de repassar conhecimentos, histórias, dogmas religiosos e anedotas. Também vem dos primórdios da poesia sua forte ligação com a música, já que os versos muitas vezes eram acompanhados por um instrumento musical e o responsável pela performance era alguém com habilidades musicais: um bardo, um trovador ou um cancionista.

Também na Idade Média surge a prática da “tenção”. Termo tão específico traduz uma prática a qual já estamos familiarizados. Segundo o Dicionário dos Termos Literários, tenção é:

“modalidade poética medieval, originária da Provença [...] na primeira metade do século XII: debate ou discussão entre dois trovadores, cada qual a defender um ponto de vista ou ideia. Poema dialogado girava sobretudo em torno de questões amorosas, mas podia acolher temas políticos, morais ou imaginários. Chegou-se a admitir algum vínculo com os diálogos platônicos, ou as églogas de Teócrito e de Virgílio”.

[MASSUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002, p.445]

Mesmo que não queira me demorar no Trovadorismo, achei essa prática muito interessante e a trago mais como um exemplo do poder da poesia falada, sua sobrevivência no tempo e sua eterna reinvenção. Agora me parece quase natural, ou pelo menos natural ao homem social, organizar suas emoções e pensamentos da melhor forma para que os outros entendam e depois expor para que os outros ouçam, vejam e entendam.

Foi assim com o rap, que logo reinventou a prática da tenção sem nunca saber que ela tinha existido, nas batalhas de MCs. Foi assim com os repentistas, que não se sabe de onde herdaram o dom de rimar e a mesma mania de “batalhar”. Foi assim finalmente com as competições de slam poetry que hoje reúnem artistas e entusiastas nas grandes capitais do mundo.

O primeiro grupo de poesia falada conhecido foi o The Last Poets, nascido dentro do movimento hip-hop. As músicas defendiam a negritude em versos ao som de tambores africanos. Aí percebemos como as raízes do rap e da poesia falada passam umas por cima das outras e se confundem.

Mas foram os jovens escritores da geração *beatnik* que repopularizaram a prática de declamar textos como uma expressão artística e (contra-)cultural. Foi com eles que a poesia falada voltou a ser valorizada, dessa vez não em moldes e rimas rígidas, mas com o vigor das cidades, da juventude e das drogas.

Com os ouvidos cheios de jazz e Bob Dylan, já com ressaca dos Beatles e do movimento hippie (mas altamente influenciado por ambos), com o sangue cheio de cigarros, álcool, maconha e qualquer outra droga que rolasse depois da psicodelia, os jovens da geração Beat contestavam o sistema: a forma de amar, as artes, o materialismo, o militarismo, a repressão, o trabalho.

Muitos decidiram abandonar o conforto e a segurança de casa para viver experiências reais no mundo lá fora. Começaram a vagar pelos Estados Unidos e depois pelo mundo, de carona, sem dinheiro. E escrevendo. O tempo todo. Foi daí que nasceu *On the Road*, de Jack Kerouac, o poema *O Uivo* de Allen Ginsberg e todo esse movimento contracultural e antimaterialista. Muitos se referiam ao budismo como filosofia e/ou religião, viviam o presente, contestavam a noção de realidade. Foi graças a eles que a poesia voltou a fazer parte da festa, voltou à boca dos jovens e dos loucos, dos bares, das ruas e das cidades.

Não à toa, os *beatniks* eram muito receptivos à cultura afro-americana, tanto com relação à musicalidade quanto em relação aos temas. As ideias expressas por esses jovens, brancos e estudados, refletia a realidade e as lutas das classes mais baixas da população, com a qual eles entravam em contato em suas viagens e perambulações, trabalhando em colheitas e bares, conhecendo os guetos, dormindo, bebendo e fumando junto com os vagabundos e os excluídos.

O movimento Beatnik, que teve início em meados de 50 e se prolongou pelos anos 60 e 70 do século passado, teve grande influência na música e na literatura moderna, e na cultura como um todo. Buscando o despertar da consciência, estudando a espontaneidade e o automatismo do pensamento, e incentivando o experimentalismo, esses artistas trouxeram mais fluidez e liberdade para as artes. Nas festas Beat, poemas eram recitados (decorados ou lidos de William Blake e Rimbaud ou feitos espontaneamente pelos presentes), música tocava, pessoas se tocavam e drogas eram consumidas.

Na música, temos que dar destaque para Bob Dylan, que tão bem soube incorporar o conceito de “consciência fluída” e espontaneidade às suas letras. O cantor e compositor estava muito ligado à Allen Ginsberg e ao movimento Beatnik. Além de recitar textos inteiros com fundo musical ou misturar textos em meio as suas músicas, suas próprias letras, mesmo quando cantadas, traziam muito da poesia beat, contestadora, irônica e rápida tanto no tema quanto na estrutura dos versos. As rimas lembram o rap, mas a musicalidade era outra, mais influenciada pelo folk e o jazz.

Ah get born, keep warm

Short pants, romance, learn to dance

Get dressed, get blessed

Try to be a success

Please her, please him, buy gifts

Don't steal, don't lift
Twenty years of schoolin'
And they put you on the day shift
Look out kid
They keep it all hid
Better jump down a manhole
Light yourself a candle
Don't wear sandals
Try to avoid the scandals
Don't wanna be a bum
You better chew gum
The pump don't work
'Cause the vandals took the handles

Outro cantor muito importante para a popularização da poesia falada foi Jim Morrison e o trabalho que realizou com o grupo The Doors. Morrison sempre passeou entre os gêneros artísticos, mas sua linguagem fluida, sensível e muitas vezes ininteligível de tão psicodélica e pessoal, se mostrou mais fértil na música e na poesia. Antes disso, Morrison tentou o cinema e continuou flertando com a ideia de fazer filmes até o final da vida. É o que vemos no filme *The Doors*, de Oliver Stone. O filme conta brilhantemente a história da banda e do gênio Jim Morrison, que desde muito jovem buscou inspiração em William Blake e Rimbaud e até hoje arrebatava jovens com suas músicas, poesias e filosofia de vida, o que pode ser visto na cena final do filme, em que o túmulo de Morrison no famoso cemitério parisiense de Père-Lachaise é precedido por pichações nos túmulos vizinhos e traz em si mesmo várias homenagens dos fãs, feitas com o mesmo espírito transgressor de Morrison que gritava em seus shows “*no rules! No laws!*” (“Sem regras! Sem leis!”).



(Foto de Hank O'Neal)

Além desses poetas, o grupo era altamente influenciado pela cultura da experimentação que se construiu nos Estados Unidos a partir dos anos 60. Elevação da consciência, estados alterados, xamanismo e a filosofia da percepção podem ser vistos tanto na vida quanto na obra dos integrantes do The Doors. O próprio nome é referência ao ensaio de Aldous Huxley “The Doors of Perception”, de 1954, sobre suas experiências com mescalina, principal componente do peyote, cacto alucinógeno usado ritualisticamente pelos índios norte-americanos. “As portas da percepção” também são abordadas no poema de William Blake *The Marriage of Heaven and Hell*: “Se as portas da percepção estivessem desveladas, tudo apareceria ao homem como é: infinito. Pois o homem fechou-se em si mesmo, até que ele só consegue ver as coisas através de frestas de sua caverna” [BLAKE, William. *The Marriage of Heaven and Hell*, 1790].

Além das belas letras com temáticas profundas ou cotidianas, Morrison influenciou no fenômeno da poesia falada por causa da sua inconfundível presença de palco, que transformava os shows em verdadeiros rituais psicodélico-religiosos. Não se sabia ainda o que era The Doors: poesia, rock, cabaré, tudo junto. O grupo chegou a gravar um disco inteiro de *spoken word*: *An American Prayer*, de 1978, sete anos depois da morte de Jim Morrison. O disco traz poemas de Morrison gravados anteriormente pelo grupo, diálogos e experimentações musicais. Vejamos um poema de Morrison para compreender sua qualidade literária:

All the poems

ACT I

*All the poems have wolves in them,
all but one ... the most beautiful one of all.
She dances in a ring of fire
and throws off the challenge with a*

ACT II

*All the poems have wolves in them,
all but one ... the most beautiful one of all.
I hope you go out smiling
like a child into the cool remnant of a dream,
the angel man finally claimed his benevolent soul.
Ophelia, leaves sudden and silk
chlorine dream ... mad stifled witness.
Tradução livre:*

Ato I

*Todos os poemas tem lobos e si,
Todos menos um... o mais belo de todos.
Ela dança em um anel de fogo
e rejeita o desafio com um dar de ombros*

Ato II

*Todos os poemas tem lobos em si,
Todos menos um... o mais belo de todos.
Eu espero que você se vá sorrindo,*

Como uma criança no que restou do sonho

O homem anjo finalmente reivindicou sua alma benevolente

Ofélia, deixa repentinamente e em seda

Sonhos de cloro...louca testemunha sufocada

Os ideais da geração Beat percorreram o mundo e chegaram ao Brasil. Em plena ditadura militar, com um terreno fértil para inovações aberto pelo movimento Tropicalista, mas sempre fugindo da censura, nasce a poesia marginal no Brasil. Algumas características desse movimento que nasce nos anos 60 estão presentes na poesia brasileira desde o movimento Modernista e da Semana de Arte Moderna dos anos 20: temas do cotidiano, linguagem coloquial, experimentalismo, versos livres. Tudo isso foi resgatado no Tropicalismo, que incentivando a antropofagia também trouxe ao cenário artístico brasileiro referências da música americana e europeia.

O samba e a bossa-nova imperavam no cenário musical, também demonstrando a importância da poesia na música. O primeiro, voz dos morros, revelou poetas como Noel Rosa e Cartola, que tão lindamente contavam sobre a realidade em que viviam e questões mais profundas e mesmo existencialistas, como o sofrimento e a solidão.

Porém, a referência dos poetas marginais era muito mais norte-americana, baseada em Beatles e Bob Dylan e na própria geração Beatnik. Nos Estados Unidos, a poesia marginal é chamada de pós-beat. A poesia marginal surgiu no Rio de Janeiro, em meados dos anos 70, com poetas como Chacal, Bernardo Vilhena, Ronaldo Santos e Charles Peixoto, que compunham o coletivo Nuvem Cigana. Segundo [reportagem da Carta Maior](#) de 2006, essa referência era clara: “Impossível não reconhecer a herança do ideal beat no espírito da poesia que Chacal e seus jovens colegas do Rio de Janeiro praticavam em 1975. Afinal de contas, eles não queriam parecer com Carlos Drummond de Andrade, mas sim com Bob Dylan. Não almejavam apenas fazer poemas, mas viver poeticamente.”

Em entrevista para o portal Literal em 2007, na reportagem [Nuvem Cigana – Poesia e Delírio no Rio dos anos 70](#), os escritores contam mais sobre suas referências, que passeiam por Allen Ginsber, Bob Dylan e a cultura dos morros:

Chacal: “Isso é uma coisa muito importante para se entender a Nuvem Cigana, porque nós não éramos eruditos, nenhum de nós era um consumidor assíduo de livros. Então a poesia chegou a nós por outros caminhos, e prioritariamente pela música. A minha geração foi muito embebida em Beatles, no rock da época. E em Bob Dylan. Até hoje guardo o impacto que foi ouvir *Like a rolling stone* pela primeira vez. Aquilo foi um contato maravilhoso que tive com a palavra poética. Eu não entendia muito bem inglês, mas a forma que ele cantava e a música que o acompanhava me deixaram uma impressão muito forte de poesia.”

A entrevista continua com os companheiros de Chacal no coletivo poético Nuvem Cigana, Ronaldo Santos e Bernardo Vilhena.

Ronaldo Santos: “A poesia bateu muito forte pra mim quando comecei a dar um dois, a fumar um baseado, e conheci o universo do morro. Lá descobri toda aquela linguagem secreta da malandragem. Você pode até ver muito disso nos meus poemas, toda aquela terminologia dos malandros do morro. Porque eles tinham a necessidade de um código paralelo que não fosse inteligível pelos não-usuários, e então criaram toda uma linguagem própria, o que era fascinante. Eu achava aquilo muito carregado desentido, era uma linguagem proibida. Eu tinha que me preocupar com o meu vocabulário porque, quando vinha da rua e entrava em casa, se usasse esses termos era uma prova de que estava andando em más companhias. E essa idéia de uma linguagem própria, paralela, foi o que primeiro me aproximou da poesia. A transgressão foi fator determinante na minha trajetória poética”.

Bernardo Vilhena: “Eu sou um cara que fugiu do estudo muito cedo, no ginásio. Mas sempre mantive um interesse muito grande por arte. Lia muito, via muito cinema. A minha faculdade foi a cinemateca do MAM. O MAM abriu as portas da percepção. Maconha boa, mulher bonita e arte moderna. Minha vida parece que tinha se resolvido. Ia lá quase todo dia ver Godard, Eisenstein, Buñuel. E também o cinema marginal que estava começando, Rogério Sganzerla, Neville de Almeida, Júlio Bressane. Eles eram completamente alucinados e tinham essa coisa de entrar de sola no escracho com a qual eu me identificava completamente. Tanto que fiquei feliz quando começaram a nos chamar de poesia marginal, porque isso me remetia a eles, o que eu acho que fazia todo o sentido”.

Chacal: “Foi o Charles que trouxe um livro que seria um grande marco da minha vida, que era o volume do Oswald de Andrade daquela coleção da Agir, “Nossos Clássicos”. Era um livro pequeno, com apresentação do Haroldo de Campos, e trazia os manifestos, alguns poemas, além de trechos do Serafim Ponte Grande e do Miramar. Aquele livro me fascinou, eu achei aquele mundo ali maravilhoso, porque ao mesmo tempo em que havia toda uma postura de contestação através dos manifestos, tinha um humor e uma irreverência muito grandes nos poemas e nos textos em prosa. Eu fiquei sorvendo aquele livro durante um bom tempo, lendo e relendo...”.

Os artistas da Poesia Marginal também foram chamados de Geração do Mimeógrafo, por usarem essa tecnologia de impressão mais barata e distribuírem seus textos de mão em mão nas ruas, já que as editoras estavam fechadas para a poesia marginal no período da ditadura. Essa realidade mudou com o lançamento do livro 26 Poetas Hoje em 1975, organizado por Heloisa Buarque de Holanda e lançado pela Editora Brasiliense.

Muitos desses poetas eram também letristas, como Waly Salomão e Geraldo Carneiro. O movimento também tinha ligação com o cinema de Glauber Rocha e a cultura dos quadrinhos nos Estados Unidos.

Abaixo alguns dos poemas dessa geração, selecionados pela Revista Bula.

*RÁPIDO E RASTEIRO**Chacal*

*vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.
aí eu paro, tiro o sapato
e danço o resto da vida*

*COGITO**Torquato Neto*

*eu sou como eu sou
pronomes
pessoal intransferível
do homem que inicie
na medida do impossível
eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dentes
sem novos segredos dentes
nesta hora

eu sou como eu sou
presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim*

*eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.*

RECEITA

Nicolas Behr

Ingredientes:

*2 conflitos de gerações
4 esperanças perdidas
3 litros de sangue fervido
5 sonhos eróticos
2 canções dos beatles*

Modo de preparar

*dissolva os sonhos eróticos
nos dois litros de sangue fervido
e deixe gelar seu coração*

*leve a mistura ao fogo
adicionando dois conflitos de gerações
às esperanças perdidas*

corte tudo em pedacinhos

*e repita com as canções dos beatles
o mesmo processo usado com os sonhos
eróticos mas desta vez, deixe ferver um
pouco mais e mexa até dissolver*

*parte do sangue pode ser substituído
por suco de groselha
mas os resultados não serão os mesmos
sirva o poema simples ou com ilusões*

Também se encaixam nas características da poesia marginal o poeta Paulo Leminski, Torquato Neto, Mano Melo e Cacaso. Observando sua obra e a de Chacal vemos porque seus poemas tão bem se encaixam na poesia falada, evocando a oralidade mesmo quando não falados. Seguem dois exemplos de Chacal, publicados no [vol.17 da revista Matraga](#), do Instituto de Letras da UERJ, falando exatamente sobre isso:

*“uma palavra escrita é/ uma palavra não dita é/ uma palavra
maldita é/uma palavra gravada como gravata que é/ uma palavra
gaiata como goiaba que é/ uma palavra gostosa”*

*“Imagine se,
por algum estranho motivo,
a música parasse de tocar.....
e pudesse ser consumida apenas através de partituras....
o mundo ia ficar mais triste...
... bem mais triste...
Pois isso aconteceu com a poesia,
afastada do corpo e da fala,
confundida com a escrita,
passou a ser monopólio de um estreito círculo de iniciados.
Mas isso está mudando.*

Isso está mudando.

Isso está mudando.”

Agora vejamos alguns exemplos de Leminski, retirados de uma seleção da [Revista Bula](#). Leminski trabalhava muito com poemas breves, Haikais e jogo de palavras. Teve poemas musicados e gravados por Gilberto Gil e Caetano Veloso. Agitador cultural, chegou a pichar suas poesias nas ruas de São Paulo.



(Não pude encontrar os créditos da foto na internet)

O que quer dizer

O que quer dizer diz.

Não fica fazendo

o que, um dia, eu sempre fiz.

Não fica só querendo, querendo,

coisa que eu nunca quis.

O que quer dizer, diz.

Só se dizendo num outro

*o que, um dia, se disse,
 um dia, vai ser feliz.
 M. de memória
 Os livros sabem de cor
 milhares de poemas.
 Que memória!
 Lembrar, assim, vale a pena.
 Vale a pena o desperdício,
 Ulisses voltou de Tróia,
 assim como Dante disse,
 o céu não vale uma história.
 um dia, o diabo veio
 seduzir um doutor Fausto.
 Byron era verdadeiro.
 Fernando, pessoa, era falso.
 Mallarmé era tão pálido,
 mais parecia uma página.
 Rimbaud se mandou pra África,
 Hemingway de miragens.
 Os livros sabem de tudo.
 Já sabem deste dilema.
 Só não sabem que, no fundo,
 ler não passa de uma lenda.*

5. Referencial teórico

O meu referencial teórico é amplo e difuso, à medida que vou resgatando ideais que fizeram parte da minha formação acadêmica e pessoal, do Budismo ao *new journalism*.

Do curso de jornalismo, posso destacar os métodos de apuração levantados em *A Apuração da Notícia*, de Luiz Costa Pereira Júnior. Em seu livro, Luiz Costa Pereira Júnior traça os métodos de apuração que permitirão ao repórter “reduzir as incertezas” na elaboração da matéria, no sentido de torná-la o mais consistente possível, aproximando-a da realidade descrita.

Dele, retiro principalmente o método de David Protess, usado no estudo de casos de pena de morte. “A premissa é de que as fontes oficiais são sempre suspeitas e deve-se chegar mais perto das fontes básicas” [PEREIRA Junior, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa** – 2.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009]. Com esse ceticismo, a equipe de Protess já conseguiu evitar uma condenação injusta à pena de morte.

Também resgatei várias conversas e debates acerca de jornalismo cultural, que tivemos que definir por nossa conta no 4º semestre na disciplina-laboratório Campus Online. De lá, me veio o artigo de Eliane Corti Basso [*Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo*](#) que busca ampliar a área de cobertura do jornalismo cultural ao invés de reduzi-la à um Jornalismo das Belas Artes:

“Tem-se convencionado como Jornalismo Cultural uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar de temas com maior profundidade, assim como acontecem nas demais seções do jornalismo como política, economia, esportes e outras. Mas seu recorte temático vai muito além, ou pode ir, da divulgação dos produtos da chamada sete artes, como muitos costumam tratar, ou então da veiculação do entretenimento. Se por Jornalismo Cultural fosse entendida apenas a veiculação do gosto literário-artístico, deveria, então, ser chamado de Jornalismo de Artes.

[...]

O que se percebe de maneira geral, é que enquanto as demais editorias focalizam os aspectos informativo e descritivo sobre um determinado assunto, nos cadernos e revistas de cultura a temática recebe uma roupagem analítica, interpretativa, crítica, e, é claro, autoral, centrada na reflexão filosófica, abarcando temas diversos.”

[BASSO, Eliane Corti. **Jornalismo Cultural: uma análise de campo**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 2006, Brasília. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação].

A autora ainda analisa o papel da crítica cultural, colocando-a na “zona intermediária entre a produção noticiosa e analítica”:

“Evidente que a produção textual dos intelectuais extrapola o caráter noticioso, uma vez que costuma organizar o texto de forma ensaística, portanto mais opinativa do que descritiva e informativa. Para Pierre Bourdieu a participação dos intelectuais está situada "em um campo incerto entre o campo jornalístico e

os campos especializados (literário ou filosófico etc.)", classificando os mesmos de "intelectuais-jornalistas".

[idem, ibidem]

Buscando então fugir ao máximo de um jornalismo de entretenimento e das Belas Artes, intelectualóide e anti-democrático, me voltei para um tema que eu achava relevante tanto culturalmente quanto social e politicamente. Ainda com o sonho de caloura de um jornalismo que informe ao invés de desinformar e dispersar, quis ouvir aqueles que gritam e entender suas palavras. Os poetas anônimos dos guetos, das escolas, das ruas, das fábricas e dos pontos de ônibus merecem mais minha atenção do que o cânone. Há mais poetas no morro do que na Academia Brasileira de Letras.

Fora isso, também me influenciou o conceito de Comunicação Comunitária, aprendido com o professor Paulino nas aulas de Políticas Públicas de Comunicação. A comunicação para o povo e pelo povo está na oralidade e na força política dos saraus, que não recebe qualquer tipo de política pública. O conhecimento popular e o "faça você mesmo" são a base da comunicação comunitária e sua importância na vida da periferia é óbvia. Ela educa, transforma e dá força.

Se essas foram algumas lições que tirei especificamente do curso de jornalismo, há algumas abordagens mais amplas que influenciaram muito o meu trabalho, tanto em seu planejamento, quanto em sua prática.

A primeira delas é o conceito de práxis de Paulo Freire, que aprendi mais profundamente na disciplina de Educação e Meio-Ambiente, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, através dos livros de Moacir Gadotti, principalmente a [Pedagogia da Terra](#) [GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**, 3ª ed. São Paulo: Peiropolis, 2000].

Práxis é "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo".

[FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987].

Mais objetivamente, é a junção da prática com a reflexão sobre a prática, que por sua vez altera a prática e assim por diante.

Essa abordagem me influenciou profundamente no sentido da minha prática de pesquisa e produção. Enquanto lia sobre o assunto, me inseria no circuito de saraus aqui de Brasília, ouvia, entendia, participava. Não há outra forma de estudar o assunto da *spoken word* sem presenciá-la e mesmo performá-la. À medida que lia sobre o assunto, ia aos saraus e ouvia cada vez mais rap e poesia, aumentava em mim o desejo de escrever poesia e também apresentá-la. Foi estudando, ouvindo e vivendo poesia que essa pesquisa foi feita. Aqui também incorporei o conceito de vivência, de conhecimento apreendido através da experiência vivida, não lido, visto ou escutado.

Dentro dessa mesma ideia, minhas pesquisas se baseiam mais em conceitos da antropologia do que do jornalismo. Para me inserir no meio do rap e da poesia marginal, usei de duas técnicas próprias à antropologia: a observação naturalista e a observação participante.

Segundo Gilberto Velho, em *A Aventura Sociológica*:

“A antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e *empatia*.”

[VELHO, Gilberto, **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1978, p.37]

Outro livro que pode ser consultado sobre pesquisa etnográfica, com recorte nas grandes metrópoles, é o *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*, organizado por Gilberto Velho e Karina Kushnir, que traz artigo de Sandra Regina Soares sobre sua pesquisa de hip hop no Rio de Janeiro. A autora reflete sobre sua práxis de pesquisa e traz muitos dos problemas e situações que me acometeram.

“Se o esforço de muitos antropólogos reside em ser aceito pelos grupos que pesquisam, dada a grande distância social e cultural que geralmente caracterizam esse tipo de interação, o meu era de não me confundir (e não me confundirem) com o universo pesquisado. Tenho muitas identificações com os membros do hip hop: a mesma faixa etária, a origem social comum à maioria dos investigados, o domínio das mesmas categorias (principalmente as mais complicadas de serem aprendidas e importantes para a compreensão do discurso: as gírias e as expressões não-verbais, sobretudo gestuais) e partilho com eles algumas visões de mundo.

Mas havia um diferenciador crucial nas nossas relações: eu sou branca, mulher e universitária, ao contrário dos meus pesquisados, na sua maioria homens negros com baixo grau de escolaridade, iniciando uma carreira artística.”

[SOARES, Sandra Regina. **Uma experiência com autoridades: pequena etnografia de contato com o hip hop e a polícia num morro carioca**. In: *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. VELHO, Gilberto e KUSHNIR, Karina (Orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.139]

Num contexto de imersão, ouvi basicamente só RAP durante todo esse semestre. As músicas foram me apresentadas pelos amigos que fui fazendo enquanto pesquisava, ia em saraus e batalhas. Também li sobre rap na internet e encontrei as teses de Roberta Estrela

D’Alva: [Um microfone na mão, uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena](#), de 2011, pela PUC de São Paulo e [A performance poética do ator-MC](#), em 2012, também pela PUC-SP, sobre seu trabalho no Núcleo Bartolomeu de Dança.

Nas minhas vivências, primeiramente, eu visitava esses lugares (os saraus, os *slams* e as batalhas de MC aconteciam em espaços abertos ou fechados, na rua, em bares, em galerias, em escolas, no subsolo de um teatro) como quem não quer nada, sentava no fundo, ouvia, gravava e anotava tudo o que me chamava atenção (observação naturalista). Depois de alguns saraus, tomei a coragem de declamar algumas poesias. Mesmo quando não declamava, todo episódio poético (sarau, batalha, slam) me rendia uma nova poesia ou pelo menos um par de versos. Assim, me coloquei de igual para igual com as pessoas que eu futuramente entrevistaria e que compuseram essa reportagem (observação participante). Sinto que isso foi muito importante para estabelecer uma confiança que não viria de outra forma, muito menos ao se assumir o papel de “jornalista”. Infelizmente, por causa da distorção de informações pela nossa mídia para que os fatos caibam na linha editorial, a profissão está em descrença.

O papo ia bem até que eu mesma ou alguém mencionava o jornalismo. Testas eram franzidas, caras eram viradas. Com jeitinho, fui explicando que não era nada disso. “Não sou jornalista, não. Sou escritora também, pô”. A periferia já está acostumada com os truques da mídia, que fere como as balas da polícia que ninguém noticia.

Segundo [reportagem](#) do Observatório de Imprensa de 2004, pesquisas apontam perda da credibilidade do jornalismo: “Em pesquisas do [Pew Research Center for the People and the Press](#), 66% das pessoas questionadas afirmaram que as organizações de mídia costumam ser tendenciosas quando cobrem assuntos políticos e sociais; apenas 26% consideraram que elas são imparciais. 70% disseram que as notícias são influenciadas por pessoas e organizações poderosas, enquanto 23% crêem que a mídia é independente destas influências”.

Exatamente com a mesma desconfiança da mídia, decidi fazer essa reportagem de forma totalmente independente, com meus próprios recursos financeiros. Assim, também tomo para mim o papel de protagonista da minha história, coisa que aprendi com o rap. Por isso, essa reportagem é em primeira pessoa.

Essa escolha também condiz com a nova “escola” jornalística surgida nas redações norte-americanas dos anos 60, o *new journalism*, também classificado de romance de não-ficção. É nessa escola que se encaixa todo o jornalismo literário, como o praticado por Eliane Brum, minha grande referência dentro da grande mídia.

Tom Wolfe, um dos repórteres que deu origem ao movimento, juntamente com Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, escreve em seu ensaio [The New Journalism](#), de 1973, que no “guarda-chuva” do *new journalism* cabiam todas as histórias de “interesse humano”, escritas pelos “especialistas em reportagem” dos jornais. Esses especialistas, como o próprio Tom Wolfe, teriam em comum seu trabalho menos preso às *notícias diárias*, e a vontade de se tornarem romancistas, o topo da cadeia literária proposto por Wolfe (em que o jornalista ocuparia o posto mais baixo):

“O que lhes conferia um traço em comum era o fato de todos considerarem o jornal como um motel onde se passa a noite em sua jornada a caminho do triunfo final. O objetivo era conseguir emprego em um jornal, permanecer íntegro, pagar o aluguel, conhecer "o mundo", acumular "experiência", talvez polir alguma imperfeição do seu estilo... logo, em um momento, deixar o emprego sem vacilar, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma casinha em qualquer lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final só poderia se chamar O Romance.”

[WOLFE, Tom. **The New Journalism** 1976, p.12-13]

Com descrições, diálogos e emoções, o *new journalism* usava do material que geralmente era descartado pelas redações, por não conterem informações precisas ou consideradas relevantes. Essas experimentações ocorreram em artigos, perfis, colunas e finalmente, grandes reportagens. Esses textos jornalísticos poderiam facilmente ser transformados em contos ou romances, segundo o próprio Wolfe. Gay Talese define assim o *new journalism*:

“O novo Jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. Procuo seguir discretamente o objeto de minhas reportagens, observando-o em situações reveladoras, anotando suas reações e as reações dos outros a eles. Tento absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito e então escrevo tudo do ponto de vista de quem estou focalizando, revelando inclusive, sempre que possível, o que os indivíduos pensam nos momentos que descrevo. Esta visão interior só pode ser obtida, naturalmente, com a plena cooperação do sujeito, mas se o escritor goza da confiança daqueles que focaliza, isto se torna viável por meio de entrevistas, onde a pergunta certa é feita no momento exato. É assim possível saber e registrar o que se passa na mente das pessoas”.

[TALESE, Gay apud UNGARETTI, W. **A literatura como forma de resistência**, Ponto de Vista, 2001].

A partir da maior liberdade dada aos repórteres com o desenvolvimento e sucesso do *new journalism*, surge o jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson e sua reportagem Medo e Delírio em Las Vegas, que extrapola os preceitos do *new journalism* e rompe a barreira entre jornalismo e ficção: o compromisso com a verdade.

“Também chamado de jornalismo fora-da-lei, jornalismo alternativo e cubismo literário, o gênero inventado por Thompson tem sua força baseada na

desobediência de padrões e no desrespeito de normas estabelecidas, além da insistência em quatro grandes temas: sexo, drogas, esporte e política.”

[CZARNOBAI, André Felipe Pontes. [Gonzo Jornalismo: O filho bastardo do new journalism](#) [graduação]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003]

Aqui, entra mais um conceito que finalmente me localiza no jornalismo: o repórter mochileiro. A figura do *backpack journalist*, muito influenciada pelo *beatnik* Jack Kerouac e seu livro *On The Road*, surgiu também a partir do *new journalism* dos anos 1960, incorporando a ele as narrativas de viagem. O conceito voltou com tudo em 2003, nas coberturas da Guerra do Iraque, onde as condições de trabalho não permitiam uma equipe muito grande nem a movimentação e manutenção de vários e pesados equipamentos. O jornalista mochileiro carregava em sua mochila tudo que precisava para fazer o trabalho. Cheguei a esse conceito de jornalista mochileiro através de [blogs especializados em jornalismo](#).

Sem vontade para trabalhar em grupo e com pouca habilidade para as novas e novíssimas tecnologias, meu trabalho como jornalista é quase antiquado: bloco de papel e caneta são minhas armas preferidas, e o gravador e o computador são das tecnologias que não posso dispensar. Sem produtor, editor ou fotógrafo, fui fazendo meu trabalho na cara e na coragem. Contatos se tornaram amigos quando me abriram as portas de suas casas em Belo Horizonte e em São Paulo. Vivi o dia a dia deles, comi a comida deles, ouvi a música deles. Imersão total.

Assim, gastei pouco e viajei muito, sempre de ônibus para economizar. As experiências que tive e amizades que fiz são impagáveis e valem mais do que esse trabalho, que eu espero que valha alguma coisa. Como li em paredes e ouvi em saraus: “Todos por um poema melhor do que esse!”, de Nicolas Behr.

Também devo citar como referencial teórico tudo que li em sites sobre rap e hip hop (vide Outras Referências) e as próprias letras das músicas, que falam da realidade desses poetas e da construção de sua arte. Estudei muito rap.

E tudo que aprendi sobre Modernismo e Poesia Concreta desde a escola até hoje, mais os livros que li de poesia de Leminski e Chacal. E toda a minha própria pesquisa, que influenciou minhas abordagens a medida em que eu refletia sobre elas, a práxis. Retomando Jim Morrison e o xamanismo do The Doors, lendo *On The Road*, do Jack Kerouac para entender a Geração Beat, tudo isso me mostrou o eterno lado artístico de um trabalho que poderia ser apenas jornalístico. Nisso e novamente na Antropologia, com o livro *Outsiders*, do cientista social Howard Saul Becker (2008), que faz uma pesquisa de campo com usuários de maconha e músicos de jazz, minha reportagem é muito diário de campo e muito diário de viagens.

Que seja! Me permiti ser escritora, poeta. Artista. *Vida loka*. E nisso também tive muita influência acadêmica de Performance, Instalação e Intervenção, que cursei no IdA no

mesmo semestre em que realizei o trabalho. No livro *Corpos Informáticos*, de 2011, Bia Medeiros, em meio ao seus questionamentos sobre arte até para pensar no jornalismo:

“Em que medida esse tipo de notícia põe ou retira humanidade? Como e quando ele é anestésico ou estimulante? Que fatos encobre ou descobre? Qual a causa da formação da quadrilha? Estudaram? Leram? Em quem votaram os que morreram? Por que os ditos traficantes matar os imigrantes ilegais? Eram de fato traficantes? O que os levou a tornarem-se traficantes? Não há nenhuma reflexão que torne essas notícias de alguma forma reveladoras de realidades, incitação à maior participação nos processos políticos cotidianos ou partidários.”

[AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.) **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política**. Brasília, PPG-Arte/UnB, 2011, p.40.]

E, estudando performance, Bia também estuda um pouco do que seria esse “estudar a arte”. O que mudaria no olhar do artista estudar e pesquisar sobre a própria arte? No caso dos estudiosos de arte, escrevendo sobre a arte de outros, como esse olhar seria “deslocado”, “refocalizado”? “O texto sobre uma exposição, colocado na parede de entrada da sala, é necessário?”.

A autora tenta conciliar a pesquisa em arte com base em Heidegger (2004,30): “A procura ciente pode transformar-se em investigação se o que se questiona for determinado de maneira libertadora?”.

Esse “libertadora” nos permite arriscar, como artistas, em todos os trabalhos e pesquisas que fizemos. Bia prossegue:

“‘Na investigação, isto é, na questão teórica, deve-se determinar e chegar a conceber o questionado’ (2004,31). Aqui Heidegger identifica a investigação como a questão teórica ela-mesma. No entanto, é na prática que é possível conceber o questionado. A investigação, em arte, concebe o questionado. Não define, não determina, mas concebe. Fazer nascer o processo-produto artístico da própria pesquisa para, assim fazendo, concebê-lo. Esta é a maneira pela qual a arte se dá”.

[idem, ibidem].

Pois bem, então que a arte se dê.

6. Procedimentos metodológicos

6.1. Etapas de pesquisa

6.1.1. Pesquisa teórica e de contextualização

Minhas pesquisas sobre a origem do rap e da spoken word começaram em setembro de 2013, ainda na disciplina Pré-Projeto de Conclusão de Curso de Jornalismo, ministrada pela profa. Lavina Madeira.

Tudo foi feito pela internet, buscando diversos sites sobre rap e hip hop e outros sobre literatura. Dou destaque para a tese de Roberta Estrela D’Alva, [Um microfone na mão, uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena](#), de 2011, pela PUC de São Paulo, que me ajudou muito a direcionar minhas pesquisas, principalmente em São Paulo. Nessa época também comecei a travar contato com o Gustavo Oreia, que me acolheu em BH e com o Daniel Minchoni, que me ajudou muito em São Paulo. A hospedagem em Sampa só consegui esse ano, depois de uma viagem para Bahia, onde conheci a Laura, que me convidou para ficar na república dela.

6.1.2. Pesquisa de viagem

Esse ano, com as pesquisas prévias já feitas e os contatos travados, tive que planejar minha viagem. Isso também é uma pesquisa, para se estabelecer a melhor época de ir (para coincidir com eventos que seriam cobertos), o melhor jeito e o mais barato. Aproveitei os feriados de abril e maio para ir pra BH e SP, respectivamente. Fui de ônibus. Pesquisei os lugares que queria ir, endereços e pessoas que gostaria de entrevistar.

6.1.3. Pesquisa de campo

Minha pesquisa de campo se baseou na imersão total no cenário estudado e na observação participante para fazer minhas trocas de informação, arte e força. A única entrevista marcada foi com o Daniel Minchoni, o resto foi resultado das minhas melhores tentativas de estar na hora certa e no lugar certo.

Em São Paulo, os eventos eram tantos que tinha que escolher minhas prioridades: Sarau do Burro ou Suburbano? As pessoas que eu conhecia iam definindo meus passos. Fui no do Burro. Outros lugares eu já sabia que iria visitar de qualquer jeito, como o sarau da Cooperifa, que já tem 25 anos e é o mais representativo dos saraus periféricos.

Em BH as coisas se encaixavam de maneira mais fácil. Um personagem ia me apresentando outro e como o grupo era bem unido, logo conheci o plano geral. Mas estar sobre a tutela do Oreia foi essencial para me inserir nesses espaços já com o pé direito.

Eu ia, gravava, anotava e fotografava tudo sozinha, tentando interferir o mínimo possível e passar meio despercebida. Depois chegava para conversar com os meninos e meninas também despreziosamente, sem falar direto que era jornalista, mencionando um trabalho independente sobre rap e poesia. As pessoas se abriam e me contavam suas histórias.

Humildade e atenção foram a minha metodologia de entrevista. Estar realmente interessada no que as pessoas tem a dizer é parte essencial do sarau, da arte e também do jornalismo.

Minhas ferramentas eram caneta e papel (com algumas poesias para declamar nos saraus), o gravador portátil à pilha que também me permitia escutar RAP em MP3 nos ônibus e metrô, a máquina fotográfica também portátil e o laptop.

O laptop era mais para digitar e editar textos, além de algumas pesquisas. Mas tanto em SP quanto em BH meu uso da internet era limitado, não havia internet em casa. Assim, tive que ir mais pelo boca a boca do que pela rede mesmo, mais uma vez vivenciando a força da oralidade.

Também devo registrar como parte da minha metodologia ouvir rap o dia inteiro. Eu ouvia rap o dia inteiro, enquanto cozinhava, no ônibus, enquanto estudava, o tempo todo. Mesmo quando eu estava fazendo outra coisa e não podia prestar atenção às letras, o rap era minha música de fundo, na esperança que alguma coisa entrasse no meu subconsciente e me ajudasse a entender melhor essa música e esse estilo de vida.

Não digo que me disfarcei, mas para não chamar atenção sempre usava minhas roupas mais sóbrias e urbanas, jeans e couro, tênis. Também não queria ser tratada diferentemente por ser mulher, nunca ia bonita demais ou com roupas curtas. Certos hábitos também são próprios dos jovens das grandes cidades, algumas gírias. Fui pegando tudo isso por osmose, sem esforço ou intenção. Fumando num canto, observando, eu não parecia ameaçadora ou invasora. Só mais uma na multidão.

Isso tudo foi muito importante para o meu trabalho jornalístico e não foi de maneira nenhuma falso. É preciso se encaixar às várias situações, se eu estivesse estudando samba, provavelmente usaria muito mais vestidos e chinelas e meu humor seria outro. Um pouco da revolta e da malandragem do rap também ficaram em mim. Isso também tem a ver com o que aprendi na minha formação sobre Budismo, de viver e se entregar intensamente ao momento presente, absorvendo dele o máximo, sem apego ou repulsa.

Assim, pude aproveitar leve todas as experiências que apareceram no meu caminho e dialogar com todos que o cruzaram, de igual para igual.

7. Cronograma de pesquisa

- De setembro a dezembro de 2013: pesquisas teóricas e de contextualização
- De março a abril de 2014: pesquisas para planejar a viagem (locais eventos e pessoas)

-17 a 24 de abril de 2014: viagem a Belo Horizonte

-1 a 8 de maio: viagem a São Paulo

-Maio e junho: pesquisas em Brasília e redação da reportagem

8. Orçamento

Meus gastos para realizar o trabalho foram quase exclusivamente com as viagens e transporte. Para ir para Belo Horizonte a passagem custou R\$ 160,00 na ida e mais R\$ 125,00 na volta. Não paguei hospedagem, gastei com comida e quase não gastei com transporte, fora R\$ 20,00 de gasolina para a moto do Oreia, que me carregou para cima e para baixo pelas ladeiras de BH.

Para São Paulo a passagem era um pouco mais cara, na faixa dos R\$ 200,00. No total, gastei R\$ 440,00 para ir e voltar. Também não gastei muito com comida, mas o transporte era bem mais caro. Gastava mais ou menos R\$ 12,00 por dia com transporte, o que dá R\$ 84,00 em uma semana.

No total, calculo que devo ter gastado em torno de R\$ 1000,00 para as duas semanas de pesquisa. Achei razoável, mas poderia ter economizado mais comprando as passagens com mais antecedência.

Ainda não calculei os valores de impressão.

9. Referencias bibliográficas

AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política**. Brasília, PPG-Arte/UnB, 2011.

BASSO, Eliane Corti. **Jornalismo Cultural: uma análise de campo**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 2006, Brasília.

CASTRO, Gustavo de. **História Secreta do Poeta**.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo Jornalismo: O filho bastardo do new journalism** [graduação]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um Microfone na Mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**, São Paulo, PUC, 2011.

D'ALVA, Roberta Estrela. **A performance poética do ator-MC**, São Paulo, PUC, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**, 3a ed. São Paulo: Peiropolis, 2000.

KEROUAC, Jack. **On the Road**, 1957.

MASSUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

PEREIRA Junior, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa** – 2.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

SOARES, Sandra Regina. **Uma experiência com autoridades: pequena etnografia de contato com o hip hop e a polícia num morro carioca**. In: **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. VELHO, Gilberto e KUSHNIR, Karina (Orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

TALESE, Gay apud UNGARETTI, W. **A literatura como forma de resistência**, Ponto de Vista, 2001.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: Antropofagia Periférica**, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2008.

VELHO, Gilberto, **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1978.

WOLFE, Tom. **The New Journalism** 1976.

10. Outras referências

Entrevistas e reportagens:

Reportagem sobre *poetry slam* em [O Menelick](#), de 2011

Reportagem [O resgate do soldado Dexter](#), Estadão, 2012

Reportagem do [Observatório de Imprensa sobre perda de credibilidade no jornalismo](#), de 2004

Entrevista do rapper Dexter para o [portal cubano desInformémonos](#) de 2011

Entrevista sobre Poesia Marginal na [CartaMaior](#), de 2006

Entrevista sobre Poesia Marginal no [Portal Liberal](#), de 2007

Entrevista sobre poesia marginal [da Revista Matraga no site da UERJ](#), de 2009

Entrevista Sérgio Vaz para a [Revista Fórum](#), de 2014

Filmes:

[Favela no Ar](#), co-produção entre a brasileira 13 Produções, a dinamarquesa Rosforth e a sueca Stocktown, 2007.

[O rap do Pequeno Príncipe contra as almas sebosas](#), de Paulo Caldas e Marcelo Luna (2000).

[Sarau da Cooperifa](#), da DGT Filmes, 2007.

The Doors, de Oliver Stone, 1991

Sites:

DJ TR

<http://acordahiphop.fazbarulho.com.br/>

Vai ser rimando

www.vaiserrimando.com.br

Rap Nacional

www.rapnacional.com.br

Revista Bula

<http://www.revistabula.com/65-os-10-maiores-poema/>

ZAP!

<http://zapslam.blogspot.com.br/>

RAP e Poesia: diálogos urbanos

Pixada* nos muros, cantadas nos raps, improvisada no metrô, defendida no palanque, a poesia permanece na cidade. Entre os cabos de fibra óptica, entre as notas do violão, a poesia se infiltra no concreto e vira enchente. Em alguns lugares, a poesia é tanta que toma conta, inunda tudo, os copos, as bocas, os olhos e as almas. Paira no ar, respinga do suor. É a poesia do trabalhador, a poesia do estudante, a poesia do jovem com raiva e a poesia sábia das velhas, poesia de taxista, de professor, de vagabundo, de enfermeiro. É a poesia que se coloca na agenda, invade as obrigações cotidianas. Hoje é dia de poesia! Todo dia é dia de poesia!

E foi atrás dessa poesia, urbana, marginal, livre e viva que eu percorri três das principais capitais do país no período de abril a junho de 2014: São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. (Passei no Rio também, mas a poesia carioca se escondeu da chuva na única noite que fiquei lá e não pude conferir ela brilhando de sol).

Gostaria muito de ter tido tempo e condições para estender minhas pesquisas para o Nordeste, me aprofundando no repente. Mas acredito que os lugares visitados possam dar uma boa ideia de um cenário nacional e urbano, em que temas se repetem, pessoas se cruzam e a internet conecta tudo. Assim, o repente e o rap nordestino (salve RAPadura!) não foram esquecidos e fazem parte tanto da memória cultural dos milhões de nordestinos morando em São Paulo e Brasília quanto das novas influências dos meninos de BH e tantas outras cidades. Tamo junto!

*Na favela, picho sempre foi pixo.

As cidades:

São Paulo é a mãe do rap nacional. Mesmo com influências do repente nordestino e “importado” dos Estados Unidos, foi na maior cidade do Brasil que o rap criou suas raízes e se consolidou como voz da periferia. Aqui, onde a periferia e o centro estão em constante diálogo, o rap e a poesia também se cruzam nas linhas de metrô, nos viadutos, nos bares e nas galerias. Terra do mais importante grupo de rap brasileiro, o Racionais MCs, São Paulo sintetiza os problemas sociais das grandes cidades.

Belo Horizonte está em tamanho e idade entre São Paulo e Brasília. A capital de Minas Gerais tem pouco mais de cem anos. Não sabia da sua força cultural e política antes das minhas pesquisas, mas BH tem um cenário fortíssimo tanto no rap, com o maior Duelo de MCs do Brasil, quanto na poesia, com o Sarau Vira-Lata se expandindo para várias cidades do interior e reunindo cerca de 200 pessoas por edição, que acontecem no mínimo duas vezes por mês. BH foi o primeiro destino que visitei, a minha primeira saída da toca, antes mesmo de me arriscar pelas periferias de Brasília.

Brasília é meu ponto de partida e retorno. Moro aqui há cinco anos, mas minha busca me levou para uma Brasília que eu não conhecia, uma Brasília longe, populosa, cheia de

esquinas, problemas e poesia. Visitei essa Brasília, que mora em Ceilândia, Taguatinga, Guará, Sobradinho, nos intervalos das minhas viagens e quase fiquei por lá. Não fiquei porque o último trem passava às 11 horas, e eu tinha que voltar correndo pro Plano Piloto da minha vida. Mas mesmo no Plano, há resistência. Alguns saraus na UnB, a Batalha do Museu, que atingiu recentemente a sua 100ª edição e acontece semanalmente no Museu Nacional, e os eventos contraculturais do CONIC trazem arte e bagunça para o centro.

Aqui, tento registrar um pouco das minhas viagens e vivências em busca de rap e poesia, as pessoas que conheci, um pouco do seu olhar e seu grito, os lugares que visitei, com seus problemas ao redor, e a arte que vivi, em lugares e de maneiras inesperadas, para mostrar que ela está lá. Ainda e sempre.

Vamos nessa?

.....

BH:

Cheguei em BH no dia 18 de abril de manhã, depois de 14 horas de ônibus. A passagem é em torno de R\$150. Achei barato. Viajar é barato, hospedar é caro. Vim dormindo. Prefiro viajar de ônibus para ver as distâncias. E a poltrona é melhor. Às vezes.

Em BH, o meu contato era o Oreia. Contato é coisa de jornalista, Oreia é meu *brother*, meu amigo. Mas ainda não era. Oreia é um mineirinho magricela, de 21 anos, com um sorriso enorme entre as tais avantajadas orelhas. O nome do Oreia é Gustavo Rafael Aguiar. Caipira que às vezes até usa um chapéu de palha, Oreia nasceu “na roça”, numa cidadezinha chamada Medina, na bonita região do Vale do Jequitinhonha. Como a maioria dos meninos que conversei, conheceu o rap lá pelos 13 anos, através de vídeos do youtube. “Aí comecei a rimar com os meninos na rua, lá na minha cidade não tinha muita coisa pra fazer mesmo...”. Com 15 anos se mudou pra BH para se iniciar em estudos de xamanismo com um tio. Xamanismo? “É, do Condor Blanco [Entidade sem fins lucrativos que busca a conservação e aproximação espiritual com a natureza], aprendi sobre auto liderança, plantas medicinais, cura...”. E paralelamente foi apresentado ao Duelo de MCs, onde começou a rimar, improvisado e em público, e não parou mais.

Digamos que o Oreia foi o primeiro MC que eu conheci de perto. Não tinha nada a ver com a imagem que eu tinha de um MC. Não usava roupas largas, correntes, tatuagens, cara de mau. E suas músicas não eram sobre tiro, pobreza, favela. Eram mais leves, críticas sim, mas com aquele toque de esperança de menino. E seu primeiro clipe seria gravado na Serra do Cipó, com a música *Salve!*, exatamente no dia da minha chegada.

De moto, Oreia me pega na Praça da Estação, estação central de Belo Horizonte e de Minas, que antes comportava um trem e hoje é cortada pelo metrô. A praça, enorme, tem três arvorezinhas de cada lado, separadas por quase 1 km de cimento. Há alguns bancos. Estão todos no sol a essa hora. Pensando como eu em “o que as pessoas iam querer fazer em uma praça como essa?”, os vários coletivos de BH já realizaram muitas intervenções artísticas na Praça da Estação. Foi lá que surgiu o Duelo de MCs, em 2007. Depois de uma edição na chuva, o Duelo foi se abrigar debaixo do Viaduto Sta. Tereza, ao lado, hoje um dos maiores

cenários de vivência do hip hop nacional, abrigando aproximadamente duas mil pessoas no ano passado no Duelo Nacional de MCs, promovido pelo coletivo Família de Rua e que trouxe MCs de várias partes do Brasil para batalhar.



(Dia cheio no Duelo de MCs, 2013, Viaduto Sta. Tereza, BH. Foto de Arthur Luiz)

Infelizmente, enquanto eu estava em BH e até o mês de junho, o Duelo de MCs estava impedido de acontecer por entraves burocráticos. E a Família de Rua, que organiza o evento, estava lutando contra a burocracia do poder público de BH para continuar a ocupar culturalmente a cidade, sem pagar qualquer centavo por isso, porque é exatamente essa a proposta da ocupação, movimento forte em BH. Porém, essa história tem final feliz e depois de muita luta e mobilização, com a realização de dois Duelos na frente na Prefeitura da cidade, a Família conseguiu voltar pra rua e o primeiro Duelo do ano, no dia 7 de junho, atraiu mais de mil pessoas na Praça Sete de Setembro (o viaduto Sta. Tereza está em reforma).

DUÉLO DE MC'S VS. BH



(Arte de Marcos Batista)

De moto, passamos pelo viaduto Sta. Tereza e seguimos o caminho de mais ou menos uma hora para a Serra do Cipó. No feriado a estrada está cheia. Oreia vai desviando dos carros, quando dá. Quando não dá, ele pega uma faixa de contramão, acelera bastante enquanto não vem nenhum carro do outro lado e quando vem, volta correndo pra pista certa, tentando evitar as tartaruguinhas. O mochilão nas minhas costas é quase um terceiro passageiro. Chegamos quebrados, mas chegamos. E o lugar é lindo.

A casinha rústica, no meio do mato, com árvores, flores e horta é da família de um dos meninos presentes, Abu. Abu que é Guilherme Abujamra e que vai fazer 23 anos no sábado seguinte, 19/04, e pretende terminar logo os estudos de Ciências Sociais na UFMG e mudar para a casinha no meio do mato em questão. Abu também é poeta, também é MC. Foi ele que juntou essa galera do rap a primeira vez num sarau, o RAPoético que aconteceu no Centro Cultural da UFMG, em 2012. No mesmo dia, os meninos já decidiram passar o sarau pra rua e fundaram o Sindicato dos Cachorros de Rua, que tem por maior obrigação garantir a realização do Sarau Vira-Lata.

Vou descobrindo aos poucos quem são os personagens dessa história. Alguns deles estão na sala com piso de madeira, ao meu redor. Sou apresentada pro Hot. A primeira coisa que noto no Hot é seu dentinho da frente quebrado e a tatuagem do seu braço direito, com uma área enorme toda preta. Depois, pergunto e ele me conta que tatuou Jesus Cristo, porque era crente e bandido. E agora, que não era mais nenhum dos dois, cobriu tudo de preto. Do lado de dentro do braço, a tatuagem de Hot continua numa pirâmide com um olho em cima. “Que Iluminati!”. “Não, é o terceiro olho. A porta na testa”.

*“Eu vejo além da porta falsa,
Abro a porta na testa”,*

Canta ele em *Auto-Nome*, música que acabou de ganhar clipe. Vez e meia os meninos usam uma boina roxa com um olho enorme no meio da testa para se apresentarem. O tema também aparece na música *Terceira Visão*:

*“Eu não respeito a Lei, queima o Rei, queima o Rei!
Eu não respeito o Rei, queima a Lei, queima a Lei!
A porta tá aberta e deixou de se ser incerta
A chegada dos meus no fronte do alerta,
Pega e aperta, longe do que cerca,
Livre peixe beta,
Contramão da seta
Vem, somos cem
Amanhã mil mascarados
Além, de mal e bem
Bonde munido e concentrado
Troca o disco arranhado
Inimigos do Estado
Multiplicar a intenção, mano
Derruba o fardado,
Lembra do passado
Nação é alienação, mano”*

“Meu nome é HOT Apocalypse do Nascimento. Sou articulador do Sarau Vira-Lata, MC e marionetista”. Peço para ele me contar o nome dele de verdade. “É Mário Apocalypse”. Sério? Sério. Os pais de Mário, Álvaro e Terezinha Apocalypse fundaram o grupo de teatro de bonecos *Giramundo*, o maior do país. De quebra, já deram para o menino palco para brincar e nome de artista.

Mário cresceu em meio a esses bonecos e a essas histórias e hoje leva as influências do teatro de bonecos para seu trabalho como MC. E leva seus parceiros MCs para conhecer e participar do teatro de bonecos, como já aconteceu com Kdu dos Anjos e outros.

Hot tem 21 anos, nasceu em Belo Horizonte e também está no Sarau Vira-Lata desde antes dele existir, há dois anos. O clipe que vai ser gravado na Serra é da música *Salve!*, dele e do Oreia. Hot conheceu o rap aos 11 anos, quando ouviu um CD do cantor Gabriel, o Pensador no carro da tia. Depois, através do primo, foi conhecendo outros raps mais pesados: “Aí ele me aplicou Sabotagem. Foi o primeiro MC que eu pirei muito, muito, muito. Neguinho

perguntava: você ouviu o quê? Só escuto só Sabotagem. Aí eu comecei a escutar Racionais, SNJ, Trilha Sonora do Gueto...”.

Com 16 anos, depois de já estar gravando e divulgando suas músicas “pros brothers” via Orkut há dois anos e até ter feito um showzinho no aniversário de um amigo (“tinha que ser muito amigo mesmo para querer um show meu no aniversário dele”), Hot se encontrou no Duelo de MCs. Lá, foi aprimorando suas rimas e encontrando sua galera. “Conheci o Kdu dos Anjos e a gente passou a conviver bastante. Nessa convivência, o Abu chamou a gente para participar do Sarau RAPoético e lá a gente teve a ideia de fazer um sarau na rua, sem ter nem ideia de que isso já existia, ou já existiu. A gente sentia que tava criando alguma coisa nova”.

O primeiro Sarau aconteceu na Praça Boa Viagem, com poucas pessoas. E foi lá que Hot e vários outros tiveram seu primeiro contato com um “recital de poesia”, como ele mesmo define. “Eu lembro que alguns dos amigos que eu tenho até hoje eu conheci naquele dia, recitando coisas fodas que eu nunca tinha ouvido falar, mas que eram os primórdios da poesia, tipo Chacal, Leminski, eu pirei”.

Abu coloca um CD (sim) do Jards Macalé no som e me explica que para ele o caminho foi o contrário: “comecei a escrever umas poesias mais livres, depois passei para o rap”.

Pausa para poesia do ABU:

*chuva é pé molhado
 pé molhado é frio
 frio é cachaça
 cachaça é arrepio
 arrepio é pescoço
 pescoço é cabeça
 cabeça é razão
 razão é peito vazio
 peito vazio é lágrima
 lágrima é olho
 olho é espelho
 da alma e seus desvios
 espelho é reflexo
 reflexo é imagem
 imagem é miragem
 que ilustra a mensagem
 miragem é delírio
 delírio é criação
 criação é nascimento
 sentimento e ilusão
 nascimento é vida
 vida é morte
 morte é ferida
 ferida é corte
 corte é abertura
 abertura é caminho
 caminho é construção*

*que não se faz sozinho
construção é cultura
cultura é diferença
diferença é relação
relação é presença
presença é momento
momento é troca
troca é alimento
alimento é crescimento
crescimento é mudança
mudança é pensamento
pensamento é existência
existência é talento
talento é loucura
loucura é argumento
argumento é postura
postura peita o vento
vento faz a curva
da nuvem que
encontra outra nuvem
e vem a chuva...*



(Gravação do clipe Salve! na Serra do Cipó. Na foto: Hot e Oreira, Guilherme fotógrafo e Abu. Foto de Laura Veridiana)

Meu final de semana de gravação na Serra do Cipó, de 18 a 20 de abril, teve cachoeira, MPB, samba, coco, batucada e cantoria ao redor da fogueira, poesia, rap e improvisado toda hora. Às vezes em samba, às vezes em rap, sem música nenhuma, o que vale é a rima. Oreia confirma: “Eu sou rimador, depois poeta, depois rapper”. Por isso, a sonoridade da música Salve! passeia pelo reggae e no seu clipe de rap é permitido flores nas barbas e cenas na cachoeira, com cachorros, com crianças, com árvores... O clipe será lançado ainda esse ano.

Assim, meu primeiro contato oficial com o rap fugiu de tudo que eu esperava e quando voltamos para BH, eu já me sentia entre amigos e até com vontade de me expor um pouco. Aqui, alguns versos que fiz ao pé da fogueira, quase num *free-style*, porque fiz na hora e ficou só na cabeça. Depois para o papel, para a cabeça de novo, agora para o papel de novo, agora para a sua cabeça.

*“À minha vida só posso dar gratidão,
porque me traz amigos em todo o mundo
O horizonte sempre é belo,
Vejo o rio preto, o sol amarelo,
E verde! Pra todo lado
Salve o verde! Salve meus chegados!
E cheguem mais, bora conhecer a beleza do Goiás
Chapada dos Veadeiros
É bela o ano inteiro
Vamo ficar de boa,
Esquecer do dinheiro”*

E por aí vai. Como não cantei a música, porque nunca tive dons musicais ou de palco, fica aí agora o convite para os chegados que me acolheram na Serra do Cipó!

Voltamos no domingo à noite. Oreia voava pelas pistas largas e vazias de BH, comigo na garupa. Eu só tinha ido para BH anteriormente uma vez, há quase dez anos. O que eu lembrava era das ladeiras e do frio. Não estava tão frio, mas as ladeiras continuavam impressionantes. Por todos os lados, as luzinhas amarelas e brancas da cidade enfileiradas em ondas, como num Natal eterno. O céu cheio de estrelas que vimos na Serra do Cipó estava ali em algum lugar, escondido pelas “nuvens”.

Oreia morava sozinho numa casinha na frente da confecção de roupas da tia, em Contagem. Era longe. Subimos algumas ladeiras para chegar lá. Fazia uns dois meses que Oreia estava morando sozinho pela primeira vez, e os recados da mãe, com receita de arroz, enfeitavam as paredes. Preparei uma carne que estava no congelador e tive certeza que aquelas panelas limpíssimas nunca tinham sido usadas.

.....

O primeiro compromisso que eu tinha em BH era conhecer o Kdu dos Anjos. O segundo era ir no Sarau Vira-Lata. (Na verdade, eu deveria ter ido embora no domingo (20), mas fiquei por causa do sarau na terça (22). Depois fiquei até quarta. Devia ter ficado até o outro domingo. Nessa viagem, descobri que o tempo mínimo para se conhecer um lugar é de uma semana).

O Oreia me disse todo feliz: “Bora, vou te levar pra conhecer o Kdu”. Montamos na moto e fomos, ladeiras acima. Kdu morava no morro. Morava no morro, na favela e no morro, morava na favela que ficava no morro. E na Serra. Kdu morava na Favelinha da Vila Santana do Cafezal no Aglomerado da Serra. Calma, por partes. O Aglomerado da Serra é o segundo maior conjunto de favelas da América Latina e do Brasil, e o maior de BH e do Estado, com cerca de 80 mil habitantes. O Aglomerado fica na zona centro-sul de BH e é composto por oito vilas: Vila Nossa Senhora da Conceição, Vila Marcola, Vila Santana do Cafezal, Vila Novo São Lucas, Vila Nossa Senhora de Fátima, Vila Fazendinha, Vila Nossa Senhora do Rosário e Vila Nossa Senhora Aparecida. Kdu mora na favelinha da vila Santana do Cafezal do Aglomerado da Serra. Na Favelinha da Favela da Favelona.

O sol ardia num céu azul sem nuvens enquanto nós subíamos ladeiras pretas e íngremes, eu pensando o tempo todo que em algum momento a moto ia só cair pra trás e sair rolando.

Paramos. As ruas estavam cheias de gente, havia pelo menos mais duas lajes sendo construídas na rua da frente e de cada lado saía um som diferente, um carro passava tocando música eletrônica, um churrasco ao som de funk rolava ali do lado. Tudo bem animado. Gritamos e entramos pela porta estreita que dava para uma escada, que se abria para a cozinha e ia subindo com os outros cômodos da casa, salas, quartos. Cumprimentamos seu pai, com um sorriso e longos cabelos grisalhos e seu avô, simpatia pura.

Subimos três dos quatro andares da casa de Kdu para chegar ao seu quarto. Na cama de solteiro, ao lado de uma estante de livros e de um computador antiquinho, desses de caixa branca, Kdu dos Anjos sorri, como sempre. Carlos Eduardo Costa dos Anjos tem 23 anos e devia parecer um anjinho quando criança. Tem *dreads* castanhos e olhos verdes e sorriso.

De sua laje imensa, observamos a favela e a cidade mais abaixo. “Som alto, vários sons, tudo junto. Aqui tudo é muito. Vizinho muito perto, muitos sons, tudo é muito. A favela é o maior reflexo da cidade, só que maior, tudo é maior, o número de habitantes, tudo parece que é maior, que a pobreza é maior, que os barracos são maior (*sic*). Mas eu gosto daqui. É legal. É um perto-longe, cinza. Entre tudo. Eu gosto”. E a Favelinha é ali do lado do centro mesmo, mas longe, impossível para muita gente. Vemos o céu bonito e a cidade feia que também tem sua beleza.



-Kdu, o que é cidade?

-Um monte de pessoas empilhadas umas em cima das outras pra fazer outras pessoas enriquecerem.

-Onde essas outras pessoas moram?

-Ao redor da cidade.

De cima do morro, que em BH é Serra, Kdu vai me contando um pouco da sua história. Começou a escrever rap com 12 anos, mas foi dois anos depois, nos cultos da Igreja Evangélica da Lagoinha, que formou seu primeiro grupo: o QES, Quinto Elemento e Santidade. A Igreja tinha um grupo de jovens com mais de mil meninos e meninas, a maioria envolvida em projetos de hip hop. Mas era o breakdance que era o forte na época: “Era a melhor parte da Igreja. Prendia vários jovens ali, por causa disso. Aí um dia um desses meninos montou um grupo de rap .Aí eu pensei “vou entrar pra esse pagode” e fui”.

Aí com 14 anos, Kdu, no grupo gospel QES, escreve a musica Conto de Fadas:

Conto De Fadas

Kdu Dos Anjos

*No mundo onde a bruxa com o diabo faz aliança
Pra ter fama e ser chamada de rainha das crianças
Chapeuzinho vermelho é real como o lobo mal
Só que os doces não são pra vovó, são pra vender no
sinal*

*O sopro do lobo não derruba a casa da gente
No Brasil o que derruba casa de pobre é enchente
Aliás, ele não tem fôlego, extinguiram sua raça*

*Na porta do SUS espera a consulta de graça
A vovó não toma chá com as amiguinhas e se diverte
Esta na fila dos aposentados e pensionistas do INSS*

*Os três porquinhos não dão “tchau” para a molecada
Sem à prova de bala na quebrada vira feijoada
Pois as crianças sonham com a branca de neve toda
manhã
Dariam a alma e o corpo por metade da maçã*

*O Pinóquio aqui não é filho do Gepeto
Ele veste terno preto faz de tudo pra ser reeleito
Promete água potável, asfalto, arroz
Com a campanha financiada a base do caixa 2*

*Pai de família joga no bicho querendo castelo em
Istambul
Não tem o que comer, mas já está pago o Carnê do Baú
Mesmo na miséria quer ser príncipe encantado
Perde todo salário e tem o fusca penhorado*

*No país sem maravilha, sou mais um sobrevivente
No terceiro mundo não vou ser feliz pra sempre
Terra é só filme de terror, no fim não tem nem um
beijo
até o pote de ouro os homem levou no baculeijo*

*Acreditam em qualquer conto menos na história da
cruz,
Final feliz e só ao lado de Jesus
Se existisse fada dos dentes de deixassem uma moeda
Criança ficava banguela pra pai pingüço fumar pedra*

*Não acredito em história de conto de fadas
Que a salvação vai vir em herói com capa
No país sem maravilha sou mais um sobrevivente
No terceiro mundo não vou ser feliz pra sempre*

*Sem nem um conto furado
No meu canto, canto o conto,
Pensando em tanto conto
Conto o tempo sem destino
Fluindo, nunca esta pronto,
Meu trampo me lava ao
Pranto e pronto, socorro,
A criança cresceu e pronto,
Descobriu sobre os contos
Ensinem a usar os pontos,*

*Pois os contos
Não estão prontos!*

Infelizmente, a letra não foi considerada religiosa o bastante, porque só tinha dois versos sobre Deus. Kdu saiu do QES e, mais tarde, formou outro grupo na escola: o S3M, Sobreviventes do Terceiro Mundo. “[O rap] Não era tão liberal quanto é hoje em dia. Na época, tinha muita influência de Realidade Cruel, MV Bill, Sabotagem, Racionais’ MC. A gente falava das treta que rolava na época, política, terceiro mundo...”

Enquanto isso, motivado pelo Duelo de MCs, Kdu começa a agitar a cultura na sua área, dando Oficinas de MC na Favelinha toda semana. Participava do Sarau do ColetivoVOZ, no Bairro Ipiranga, mesmo tendo que pegar três ônibus pra ir e três pra voltar: “Mas eu ia. Toda quarta”. E sua poesia vai crescendo.

Em 2009, *Contos de Fada* ganha o concurso Vozes do Morro e vira clipe, além de tocar em algumas rádios. Kdu começa a se profissionalizar: “Eu ia seguir de qualquer maneira, tendo esse concurso ou não, mas me deu meio que uma obrigação de ter ali umas músicas minhas, ensaiadas, pra fazer um showzinho...”

Vários showzinhos depois, Kdu já tem 3 CDs independentes, fora um do S3M, e já está preparando o 4º. “E é experimentação mesmo. Cada dia é um novo aprendizado. O rap me traz muita coisa louca”.

Uma delas foi o Sarau Vira-Lata. “O Vira-Lata veio em 2011. Começou com uma conversa. A estrutura já tava pronta na cabeça, que era: ocupar o espaço público, quinzenalmente, com sarau de rua, pra falar de que? De poesia. De que tipo de poesia? De poesia”. Depois do Sarau RAPOético, o plano foi colocado em prática. “Vamo fazer um sarau? Então vamo”.

-E pra você o que é poesia?

-Poesia é o que acontece e os doidão escreve. A performance é poesia, tudo é poesia. O que acontece ali na rua e tal...

- E tem diferença entre rap e poesia?

-Não... Entre funk e poesia, entre nada e poesia. Tudo que é verso é, tem sua... é que nem modalidade mesmo, tem poemas e poemas, e tem rimas e rimas e tem textos e tem crônica, então depende da forma que é usado. Pra mim a poesia tá mais em quem ouve, em quem recebe ali. Pode ter um texto que um doidão não considerar poesia e o outro vai. Quem sou eu pra dizer que é ou que não é? Mas acho que é o que acontece, é o momento, é o olhar. Não existe poesia assim certo o que que é não.

-Pra você todo mundo é artista?

-Não... Artista é quem faz.

[...]

- Não acho que é todo mundo que é artista não. Acho que quem quer ser artista é e quem não quer vira outra coisa.

Terça-feira, Oreia acorda de bom-humor. “Dia de Sarau eu só penso nisso. Penso nisso o dia inteiro”. Oreia trabalha num escritório. Não importa muito qual, já que o que ele faz é trabalho de escritório, chato, repetitivo, e (lá no fundo a gente sabe) inútil. Nesse relato não vou dar grande atenção ao emprego da pessoa como forma de descrevê-la ou nomeá-la, já que a maioria das pessoas que encontrei não se identificam com seus trabalhos e precisam se submeter a ele para ter as horas de liberdade, escrevendo, recitando e vivendo poesia. Oreia é “rimador, depois poeta, depois rapper”. E odeia seu emprego.

Enquanto Oreia está no trabalho, pensando no Sarau Vira-Lata, eu vou dar um rolê pelas ruas do centro de Belo Horizonte e aproveito para conhecer a companhia de bonecos dos pais do Hot, a *Giramundo*.

O lugar parece um reino encantado, com infinitos bonecos de todos os tamanhos, materiais, expressões e roupas imagináveis e inimagináveis. Mágico. Não à toa, além de Hot e de Kdu, fico conhecendo mais dois poetas que trabalham no grupo: Guilherme Benoni e André Martins, que também está na organização do Sarau.

A hora vai chegando e também vou ficando nervosa. Hot se prepara, coloca uma camisa de cetim com desenhos de relógios, uma bermuda e chinelos. Não sente o frio de BH. Pegamos um ônibus e chegamos no PlugMinas, centro cultural do Governo dedicado à juventude, como apoio às escolas públicas, no bairro Horto. Há um grande pátio aberto com cadeiras de plástico enfileiradas. Cerca de 50 jovens circulam pela área e começam a se ajeitar nas cadeiras. Começa a chover.

As cadeiras são empilhadas e sentamos todos em roda, na parte coberta do espaço. Kdu dos Anjos está lá pegando os nomes dos poetas que vão declamar nessa noite. Escrevo meu nome no papelzinho verde fluorescente e coloco dentro do chapéu, junto com os outros. Quando o chapeuzinho acaba de passar pela roda, o Sarau começa, umas oito e meia da noite.

Pessoas muito diferentes se apresentam, trazendo músicas, poesias e performances. Um garoto alto e de cabelo cacheado entra na roda carregado de pastas. De repente, começa a apalpar os bolsos, à procura. Não encontra, abre as pastas, revira os papeis, joga tudo no chão, fica louco. Pergunta para a pessoa mais próxima: “É o seu?”. Não. Ele continua a procurar, desiste, quase chora. Depois lembra: “Ah, esqueci o meu em casa”. Sai feliz e a galera enlouquece. Quando os aplausos não bastam, os Vira-Latas uivam.

André Martins entra com o violão e Kdu o acompanha na música. Os versos em tom de MPB são suaves: “Tá tudo lindo, todo mundo rindo”...

Poesias próprias e emprestadas se alternam com raps, desabafos, dança, performance. Os temas da juventude são tratados de mil maneiras: o amor, a revolta, a cidade, a pressão social, negritude, pobreza, feminismo. O Sarau é libertário e lindas meninas loiras rimam para lindas meninas pretas, enquanto performers brincam sobre suas duas identidades (de dia e de noite,

masculino e feminino), e alguém até se arrisca a tirar as calças enquanto declama Oswald de Andrade:

Erro de Português

*Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*



(Performance no Sarau Vira-Lata. Foto de Laura Veridiana)

Dança, risos, lágrimas, provocações, erotismo, solidão, força, raiva, tudo se mistura no ambiente do sarau, que muda drasticamente de poesia para poesia, de poeta para poeta.

Uma garota baixinha e gordinha, negra, com os cabelos rapados dos dois lados da cabeça, e alargadores nas duas orelhas, entra com um sorriso doce de menininha. A voz melodiosa surpreende quem não conhece Paige, que não suaviza nada em suas rimas.

*“Nesse Brasil que muito fala e pouco se vê,
onde alienam pela TV e roubam para o PT,*

*onde muita gente passa fome sem ter o que comer
O que se diz país da Copa onde os fdp bate na sua porta
e te rouba , é assim que o meu brasil tá tentando ser melhor
se o nosso dinheiro que eles gastam é reinvestido em pó!”*

Mas a maioria das pessoas ali já a conhece, dos tempos em que Paige ainda era Ana Barbara e entrou pro Sarau Vira-Lata, dois anos atrás, quando tinha apenas 14 anos. A experiência mudou sua vida e continua mudando a cada sarau.

“O sarau é um lugar... Não é um lugar... É um ser. Porque... são vários seres e fazem um ser só. Tipo, é onde eu não preciso seguir as minhas regras, as minhas regras, as regras que eu coloco, eu tenho que ser assim, aqui eu tenho que fazer esse trabalho, não. É a minha liberdade de expressão, é onde eu me liberto, é onde eu sinto... que eu tô no céu. A gente tá sentado no céu e não tem limite. Então você se abre, você se expõe, você se fecha mesmo no seu mundo, é onde você vive assim.”

Sentados no chão de cimento e no céu, os presentes ali experenciam a Unidade. Guilherme Benoni tenta explicar o que sente: “Sarau é comunhão extrema. Quando você realmente faz parte de um todo, onde as pessoas são muito diferentes de você, mas todas elas estão ali com o mesmo propósito, que é o de *escutar*. Não é nem pra falar não, é mais é pra escutar mesmo. Porque você fala uma ou duas vezes, mas o que você recebe...”.

Declamei dois poeminhas meus e recebi muito mais, umas 50 poesias numa noite. Não posso reproduzir tudo aqui porque não cabe e eu não lembro. Também não lembro das minhas próprias poesias, mas essas eu tenho anotadas. A primeira que declamei foi diabinho-diabão, de cócoras, com o papel na mão.

diabinho-diabão

*deusmilivri! é o diacho!
é besta-fera
que come os miolo da gente tudo*

*vem pequeninim que nem desconfia
quando vê - menino!
tá nas casa e nas cama
do lado da cabeça da gente
que nem filho menor ou bicho de estimação*

*mas o bicho - haja!
é engolidor tal
que vai comendo pequenininhas
as palavra
todas*

*mas
não só!
come os olhão bonito dos menino e das moça
come a conversa-prosa entre eles*

*come mesmo até o amor batido rápido no peito
enviado de um pra outro
e recebido de volta*

*o trem ruim -magine!
é pior e mais só
que a solitária nas entranhas
porque passeia pela cabeça
e pela querência*

*recorda memórias
canta cantiga de ninar e de dançar
lê as carta de amor
tudo nosso do mais de dentro*

*exconjure!
que o diabinho
vai comendo os ói, as palavra,
a conversa toda,
e a vontade*

*e os menino-moça fica tudo assim
calado quieto
com os ói pregado
brilhamo no brilho da tela
sozinhos em roda*

Na segunda rodada de poemas, que rolou porque o Sarau não estava tão cheio, com umas 70 pessoas e por volta de 20 declamadores, declamei cinza-city, de pé, já mais confiante, mas ainda com o papel na mão.

cinza-city

*a cidade tá cada vez mais feia.
a cidade tá cada vez maior. a cidade tá tão grande que nem dá mais pra ver
a cidade.
ou o céu.*

*lá do mato, onde dá pra ver as estrelas
também já dá pra ver
a cidade
e as estrelas
da cidade.*

*a cidade já é tanta
que quase que não acaba
que asfalta morro
e corta rio
e para!*

*frustrada
na beira do mar
ou do céu.*

Fui bem acolhida. Hot gritou um “Brasília!” quando eu fui declamar e eu respondi com um “Goiânia!”. Depois de todos os poemas, as pessoas batiam palmas, porque queriam. O grupo era muito unido.

A maioria dos presentes tem entre 15 e 18 anos. Os organizadores do Sarau são os mais velhos, na faixa dos 21 aos 23. Além deles, uma mulher com os cabelos pretos armados e já meio grisalhos que dança enquanto declama cordel e Renato Negrão, o professor.

Naquela roda cheia de meninos em idade escolar vejo Renato Negrão automaticamente como professor, quase o único *adulto* do lugar. Quando o Sarau acaba, duas horas depois, a festa dos adultos continua no seu apartamento. Eu me infiltro.

Lá está uma galerinha que já conheço do Giramundo e do Sarau, fazendo arte. Malabares, música, poesia, leituras, um pouco do Sarau invade o apartamento de Renato Negrão. Chamo ele pra um canto pra conversar e ele dá um pulo quando eu falo da reportagem:

-Você é jornalista?

-Não! Eu sou estudante de jornalismo! E escritora! E poeta! (Já apelando)

Os olhos pretos me encaram desconfiado. Renato Negrão tem 45 anos, é negro e careca e agora parecia um professor que tentava descobrir se eu é que tinha escrito o palavrão no quadro. Decidiu que não.

-Tá bom. O que você quer saber?

[A situação é a mesma quando acham que eu sou de Brasília e eu já corrijo “Goiânia, Goiás, moço. Ali do lado”. E reforço: “Gente, nós é tudo primo. Não tem goiano que não tem família em Minas nem mineiro que não tenha parente em Goiás”. Fica tudo bem. Começamos a falar dos parentes em vez dos políticos].

Vamos conversando enquanto Negrão arruma suas malas para ir para Goiânia (quem diria!) para um encontro de arte de rua, em que vai dar uma palestra e realizar uma performance. Multi-artista, além de escritor e poeta, é artista visual e compositor. Negrão também se define como “arte-educador”. É professor (“eu sabia!”) na escola Oi Kabum.

Alguns quadros seus enfeitam a sala. Eles misturam imagens e palavras: “à partir da palavra, utilizo diversos suportes”. Ao lado da mala, uma pilha de seu livro Vicente Viciado.

“Escrever pra mim é uma coisa que veio desde muito cedo e de maneira muito...afetiva. O processo da alfabetização e depois da escrita me deram um fascínio pelo código. Eu me atentei pra *realidade gráfica* da palavra. Então tenho diversas influências da infância ligadas ao universo da palavra enquanto linguagem.”

Ligado em música, sempre curtiu Rita Lee e recebeu muita influência de poetas da música brasileira, como Caetano, Gilberto Gil e Ney Matogrosso. Na literatura, foi a poesia marginal que marcou: “Uma coisa que me pegou muito de cara foi a poesia da década de 70, a poesia marginal. Porque esses poetas estravam começando a aparecer nas grandes editoras, deixando de ser marginais, então mais pessoas conheciam aquilo e *iam se marginalizando* por causa deles”.

Negrão inclusive. Cada vez mais ligado à contracultura, nos anos 90 funda com amigos o grupo de agitação cultural Dragões do Paraíso, que ocupa a cidade com intervenção urbana e performance. Vinte anos depois, quando começa a onda de ocupação em Belo Horizonte, Negrão fica encantado com o vigor e o entusiasmo da galera: “Eu via neles a mesma força que movia a gente nos anos 90”.

Participando de coletivos e sempre no meio do agito cultural de BH, Negrão conheceu Kdu dos Anjos e se juntou ao Vira-Lata nas primeiras edições, por sentir que ali era um lugar onde se defendia a poesia. “E esse é o grupo mais forte que eu vi na rua, feito pela meninada que acabou de sair da escola, muito doido”. Negrão se filiou ao Sindicato dos Cachorros de Rua.

Do qual também faz parte André Martins, 21 anos e bigodes dos anos 20, enrolados pra cima, bem moderno. Com o violão sempre à mão, ele me conta que começou a escrever raps com 11 anos, um monte de raps que ele guardava no bolso e não mostrava pra ninguém, até a mãe lavar a calça com o tal bolso e encontrar os papeis. A mãe comprou um caderno para incentivar o menino, “mas até hoje eu deixo os papel tudo solto, por aí”, ele faz um gesto que abarca toda a sala, que tem algumas folhas soltas espalhadas pelo chão e mais dois cadernos em cima de um banquinho de madeira.

Hoje, ele escreve outros tipos de música e poesias nos cadernos.

- Escrever pra quê? É mais pra cumprir uma função...existencial mesmo. Não tem nenhuma função específica. Um sapo coaxando na beira da lagoa: por que ele faz isso? Não sei. Mas ele faz.

[...]

- A gente faz isso por causa dessas coisas mesmo... essas pala torta.

[...]

- O que é o poeta? O poeta é tipo assim o que é contrário. O anti-poético. O que tá de fora, ele não participa. Ele participa do tempo, só que de outro lugar.

.....

No dia seguinte, quarta-feira, a cabeça ainda tonta de poesia, minha viagem termina. Compro umas cervejas e frito uma carne pra mim e pro Oreia, para comemorar. “Nunca comi tão bem na minha vida” ele brinca. Eu espero.

Ele me leva de moto até o metrô. De lá, ele vai atravessar a cidade para encontrar com Hot e decidir os detalhes do show que farão na próxima sexta-feira. De lá, eu vou pegar meia hora

de metrô e mais umas 13 horas de volta para Brasília e para minha aula de Literatura Brasileira, às dez da manhã.

Nos despedimos e partimos.

Queria ter ficado mais. Principalmente quando cheguei na UnB, depois de correr para deixar o mochilão em casa, e vi minha sala vazia: o professor ia fazer uma cirurgia nos dentes.

Realmente, às vezes a Universidade atrapalha nossos estudos. Fiquei meio deprimida e decidi ir num sarau aqui em Brasília, lá na Ceilândia. Peguei o ônibus e uma hora e meia depois conheci o Sarau da CM, que uma vez por mês acontecia nas quintas e no Shopping JK. E meu humor melhorou.

.....

SP:

Em menos de uma semana, estou de novo no ônibus de Brasília para São Paulo. Dessa vez, vou aproveitar o feriado do dia 1º de maio, Dia do Trabalhador.

Acordo antes de chegar em São Paulo e vou observando a paisagem mudando. A rodoviária enorme de Campinas me faz achar que já chegamos, mas ainda temos que rodar mais uma hora até São Paulo. No meu aparelho gravador, coloco para tocar algumas músicas que o Oreia me passou e fico ouvindo pelo fone. Só escuto rap agora e até já penso em rap, sempre procurando rimas e tiradas. Rabisco coisas no meu caderninho.

Pode parecer mentira, mas vejo a paisagem ficando mais escura, mesmo que esteja de manhã. O sol que eu vi quando acordei foi se escondendo pela camada cada vez mais espessa de nuvens. As coisas foram encinzencendo. São Paulo chegou na janela com ruas, casas e casebres, placas, pessoas, prédios. E a tal nuvem cinza plantada em cima.

Eu já estivera em São Paulo algumas vezes quando criança e uma vez depois de começar a faculdade, para um festival de música. Sempre me surpreendia. O número de pessoas enlouquece. Lembro de ter pegado o metrô no horário de pico pela primeira vez e pensado: Meu Deus, estou vendo um milhão de pessoas passar diante de meus olhos e nunca vou saber o nome de nenhuma delas!

Era essa a lembrança que eu tinha de São Paulo, então estava até com um pouco de medo de como iria ser viver aquilo de novo.

Com a Lei da Cidade Cinza, opa!, com a Lei da Cidade Limpa, São Paulo perdeu muito de seus grafites, suas cores, seus protestos. O pixo ainda invade as paredes, obviamente. Mas não há cartazes da Mãe Diná nos oferecendo uma última esperança e nem lambe-lambes de artistas, coletivos e festas nos postes. Na minha estada cheguei a ver seis funcionários da prefeitura, dois por poste, arrancando os anúncios com as mãos. Fiquei pensando quanto tempo ia levar para se limpar todos os postes da cidade, se não havia nada melhor para ser feito com esse tempo (e esse pessoal, que obviamente tem um salário e benefícios) e por fim, o que iria adiantar tirar cartazes e apagar pixos se os cartazes e pixos servem exatamente para serem colocados de novo de onde foram tirados, pragas urbanas? Não encontrei respostas.

A república que me abrigou ficava na Zona Leste, perto da USP Leste. Lá moravam cinco meninas, entre elas a Laíssa Sobral, que me apresentou o Grajaú no dia em que eu cheguei. Lá ia acontecer um show do rapper brasileiro GOG e da banda Ponto de Equilíbrio, em comemoração ao Dia do Trabalhador.

Depois de dois trens e dois metrô, chegamos ao Grajaú, que eu só conheço pela música do Criolo, *Grajaúex*.

*“É o ouro branco, o pó mágico e o poder de Rolex
Na favela com fome atrás dos Nike Air Max
Os canela cinzenta que não tem nem cotonets”*

O bairro se abre para mim através de Lalá, que nascera ali e conhecia muitas das pessoas que cruzavam o nosso caminho.

“Essa aqui é a entrada do Grajaú, a parte mais rica, a fachada... Mais pra dentro, por essas ruas aí, não é bonitinho assim não. É que aqui era uma favela que foi urbanizada, tá ligada?”

Cimentaram os barracos, asfaltaram as ruas, encanaram a água, ligaram a luz. E foram tirando um monte de gente, que infelizmente atrapalhava o novo paisagismo do bairro que antes era favela. No chão, esferas de cimento pintadas com as cores primárias enfei(t)am as ruas e os canteiros. Lalá aponta para uma delas.

“Se tem uma coisa que minha mãe odeia na vida são essas bolas aí. No lugar que era o barracão da minha mãe hoje tem oito bolas dessas”. A mãe de Laíssa é catadora e Laíssa viveu do lixo grande parte da sua vida. A mãe de Laíssa tem mais sete filhos. E é lésbica. Negra, claro. Maria Lúcia Sobral ensinou a filha a trabalhar, a se organizar e a sempre lutar por si mesma. Presidente da Cooperativa de Catadores de SP, Maria Lúcia se orgulha de ter criado os filhos sozinha, sem ajuda de ninguém. Quem conhece Lalá sabe que isso é motivo de orgulho mesmo.

Sobre essa vida de catadora, que durou até 2011, Laíssa, que agora estuda Gestão Ambiental e trabalha na Incubadora de Cooperativas da USP, me conta pouca coisa: “Uma repórter da Globo veio me perguntar se eu já tinha comido comida do lixo... Falei: “minha filha, com fome eu como até você!” e ri sua risada alta e gostosa. Lalá é super bem humorada, tanto que anda por aí carregando um pandeiro! Sabe que na luta (pelas mulheres, pelos pretos, pelos pobres), muitas vezes é melhor rir do que chorar.

Numa praça rodeada de grafites por todos os lados, vários jovens andam de skate e jogam basquete. Com o pandeiro e o sorriso de Lalá chamando, a roda vai se formando.



(Praça no Grajaú, em São Paulo, 2014. Foto de Laura Veridiana)

Logo, vão chegando conhecidos e começamos a conversar sobre o show e sobre rap. “Ah, olhai, o Ibê é MC!”, alguém me conta, apontando para o homem magro e alto que chegou de skate, como quem não quer nada. “Então vamo fazer um rap!”, põe pilha. Ao som do pandeiro, as rimas começam a fluir, naturalmente.



*Musicalmente te inspirando
 Elevando sua mente
 Sempre plantando a semente
 Consciente
 Edificando a harmonia
 Com a intenção de criar
 Um efeito eficiente
 Sem tirar a tranquilidade de ninguém
 Te trago como um plano
 Inspiração com ritmo e poesia
 Sem passar por cima de ninguém
 Sei que ainda é difícil de entender
 Mas a inspiração está aqui dentro de você
 [...]*

Os primeiros versos mostram a habilidade e a facilidade que Iberê encontrou no rap. Aos sete anos de idade. “Do jeito que aconteceu agora aqui, aconteceu comigo na primeira vez”. Só que tinha um microfone. E um palco. E público, claro.

O menino que se revelou na Semana Cultural da escola achava aquilo tudo normal. “Isso é tudo o que eu conheci. Meu pai é músico, eu cresci no meio disso”. E foi assim, nessas de menino imitando o pai, que Iberê decidiu ser músico também.

“Eu acompanha ele nos shows e um dia a gente tava na praia e o dinheiro dele acabou. Aí ele tava daquele jeito... querendo beber mais umas, né? E fez um som para ganhar um dinheiro. Ele só de sunga, tal”.

Carlinhos, só de sunga, entra em um desses restaurante-churrascaria, com música ao vivo, acompanhado do menino. Sobe no palco, pega o microfone e a guitarra dos músicos da banda e diz: “Você dá uma Velho Barreiro aí pra mim, uma cerveja... E esse neguinho ali é meu filho, tudo que ele pedir vocês dão pra ele, por favor, que eu vou tocar um som aqui pra vocês”. “Lembro bem dessa frase até hoje”, Ibê lembra. Nesse dia, decidiu que a vida do pai era bem “da hora” e quis entrar no mesmo caminho.

“Meu negócio ficou mais na letra, nunca aprendi a tocar os instrumentos igual ele”. Na letra e no skate. “Culturalmente, tudo o que eu fiz foi no skate e no rap. Até os empregos que eu tive na minha vida foi alguém do rap ou do skate que me indicou, ou falou que tava rolando”.

Hoje, Ibê tenta despertar e desenvolver essas habilidades nos jovens do Grajaú, em um projeto cultural em que ele dá oficinas de skate e de rap toda semana. “Os meninos estavam sempre me perguntando como fazia tal manobra, pedindo para eu mostrar, para fazer rima. Decidi dedicar um dia só pra isso”.

Para confirmar, um grupo de garotos novinhos aparece e começa a puxar papo com Iberê, querendo levá-lo para a pista de skate. “Espera lá que a gente tá fumando”, ele pede. Na quebrada, não se escolhe conviver ou não. Só escolhemos como conviver. Da melhor forma possível.

.....

Sábado é dia de Batalha. Em São Paulo imagino que todo dia é dia de tudo. São umas dez batalhas por semana e quinze saraus por mês só na Agenda da Periferia. “Samba makossa tem hora marcada”. E mais importante, lugar. Em Sampa, em qual estação de metrô você desce, define que tipo de galera você vai encontrar.

A estação Corinthians-Itaquera, em frente ao novo estádio do Corinthians, o Itaquerão, ainda em reforma para a Copa, *quase* pronto, é o palco da Batalha da Leste há dois anos. Na passarela que dá para um shopping center popular pintado de amarelo, o Shopping Metrô Itaquera, os rappers da Zona Leste se reúnem todo sábado para batalhar.

Augusto Oliveira é o MC que comanda a festa, o ritual, a cerimônia. “A todas as minas firmeza, e a todos os cabras da peste, vai começar mais uma Batalha da Leste!”.

Há mais ou menos dez pessoas na Batalha e oito MCs competindo, todos homens. Os ataques vêm em rimas e criticam mais as palavras e atitudes do que aparência ou localidade. Não vou reproduzir o free-style aqui porque não são versos para ler depois, são imediatos e referentes ao momento e o local presentes. No caso, passados. Mas para quem quiser conhecer, a Batalha da Leste espera de microfone e palco aberto, sem microfone e nem palco, tudo na voz, no ouvido e nas palmas.

Batalha da Leste

O bagulho é a trincheira

Só sobrevive

Quem manda as verdadeiras



(Batalha da Leste, São Paulo, 2014. Foto de Laura Veridiana)

Entre as disputas, os rappers podem declamar algumas de suas músicas já escritas. Nesse momento, eles se sentem mais confiantes para expor suas ideias e revoltas, de forma clara e bem pensada.

Favela do Ódio

Mendes Insolente

*Então taí, o que tem de mais ficar calado?
Com um dia de bandido o que você leva?
Calma! Espera! Olha, onde ele foi?
Tá trampando na biqueira com os caras da favela
Veja, meu olhar não mudou,
O da sua família sim.
Isso humilha sua mãe,
Ela até chora, para com isso
Desconheço a sua infância
Pode ser por isso.
Lembra de você?
Um muleque mó da hora,
Mas é foda, me ignora,
por que isso agora?*

*Não pergunte, me escute,
 Quem discute não te curte,
 Só no Orkut, Facebook,
 Compartilha e exclui.
 Isso é real, tal qual a escolha
 Que você pensa que era
 Considerado no futebol o bola da vez,
 Passa uma viatura, se for raptura,
 Não eram só duas,
 Eram três,
 Sua mina vomitando, 13 anos
 Só pode ser gravidez
 Muleque, o que cê fez?
 [...]
 Cantiga de ninar
 Nunca ouviu falar
 Sua mãe analfabeta
 Não aprendeu a ler nem cantarolar
 Olha lá, e ele cresce no crime
 e descobre o que pode ser,
 mas na favela do ódio só lhe resta ser do PCC
 O menino brilhante que só queria ser feliz,
 Descobriu a malandragem e seu cântico
 Era assim:
 Ó, você não sabe o que é
 O pobre na favela
 Mordendo a sola do pé
 Pensando em mortadela*

Mendes, vulgo Insolente, tem 26 anos e é vizinho da Batalha, que frequenta há três anos. Tem uma cara grande, com um nariz grande e um sorriso grande. Usa um boné vermelho e está acompanhado de sua esposa, Angelita, grávida.

Começou a brincar de *free-style* em 2005, mas se considera um bom ouvinte de rap desde 1996. Hoje, batalha toda semana e faz parte do grupo In-versos. “O rap eu descobri através do meu cunhado. Enquanto o cara tava lá comendo a maçã da minha irmã, eu tava lá fuçando no carro dele. Aí encontrei essa fita com essas três letras: R,A,P. Eu não sabia o que era, eu tinha uns sete anos, fiquei curioso mesmo. Aí botei lá pra tocar e começou né, aquela música do De Menos Crime:

*“A bola do mundo, régua e compasso,
 O mundo caminha passo a passo,
 Se você vacila, caiu no laço,
 Ficou para trás, mano, aquele abraço”*

Esse som aí marcou, eu me identifiquei e comecei a ouvir outras coisas”. Entram Sabotage, RZO, Consciência Urbana, Tático Cinza. “Retratava muito o que via, não o que vivia. Ao

invés de muitos caras que ouvem rap e querem viver aquilo, eu não, eu ouvia e via aquilo acontecendo com os mano, que tentavam sair da situação e era difícil”.

“A mensagem do rap não é pra você ser aquilo, é pra você não ser, principalmente esse rap das antigas”. Insolente, que ataca a todos os presentes na Batalha, não só seu oponente, só é agressivo nas rimas: “Eu faço rap por prazer, por amor ao rap e pelas pessoas. Eu acredito muito no ser humano, não gosto de ver ninguém maltratando ninguém, já dou a ideia. Tem muita galera do rap que bebe, fuma maconha, mas eu não apoio isso não. Não sou contra ninguém não, mas eu prezo é pela molecada”.

“Nada como um cara que fala o que vive”, e Insolente me convida para tomar um café na sua casa antes de seguir para a Batalha do Santa Cruz, na estação de metrô do Santa Cruz, na Zona Sul de São Paulo. Um grupo de MCs forma o bonde e atravessamos umas duas ruas para chegar à casa de Mendes.

No caminho, vou conversando com Drack, o vencedor dessa edição da Batalha da Leste. O garoto negro e magro, bigode fino na cara fechada, usa um boné verde e carrega no peito uma grande cruz de madeira. Janderson da Silva Macedo, abraça e carrega a sua cruz.

O menino que nasceu há 20 anos no Maranhão tem ódio nos olhos e se indigna com o que vê ao seu redor desde sempre: “Meu avô sustentava 12 filhos só vendendo espetinho. Tiraram ele de lá porque ele não pagava pra estar ali. Hoje em dia, ele recebe a aposentadoria de lavrador e tem que escolher entre o mercado e a farmácia, por causa dessas doenças que trouxeram. Os índios do Maranhão não tinham essas doenças não, quem tem são os brancos”.

Parece que Drack nasceu pro rap: “O primeiro rap que eu ouvi, com uns sete anos, eu já decorei a letra. Aí fui mostrar pro meu pai e ele disse: você sabe que esse CD não toca lá em casa, né? Na época o rap era mais discriminado do que hoje em dia, bagulho de bandido mesmo. Mas eu fiquei com aquilo na mente. Porque eu já gostava de poesia”.

“E rap é muito mais do que um pensamento crítico de forma poética. É muito mais do que isso. Porque poesia vai além, poesia tá na alma”.

O menino que gostava de ler e escrever voltou um tempo para o Maranhão e se afastou do rap: “Parei no rap e comecei a me envolver com drogas, gangue, essas fita. Meus pais se separaram e eu fiquei lá no Maranhã”. Por volta dos 16, “comecei a conversar com Deus, fui me afastando das drogas, do crime, fui me encaminhando”.

De volta a São Paulo, com 18 anos Drack começa a batalhar. E sabe que agora está no caminho certo, “convicto de que minha missão é essa: o rap”. “E a poesia mesmo, não só o rap. Porque eu gosto mesmo de poesia, de ler aquilo e parar para filosofar. Poesia é um deleito para mim, aquilo me satisfaz”.

Auto intitulado ativista poético periférico, Drak sonha em criar um exército da periferia, para tomar de volta o que foi roubado ao longo de tantos anos: “Expropriação mesmo, arrancar aquilo e pegar de volta”. Para isso, o rap é sua arma: “Graças a Deus, me salvou. O rap me salvou. Tanto espiritualmente quanto socialmente. Eu não tinha esses pensamentos que eu

tenho agora não”. Para passar isso “pros irmãos”, Drack confia em sua caminhada e mantém seu compromisso, amadurecendo e profissionalizando sua arte.

“Poesia é um dos alimentos da alma, que nem a palavra sagrada. Poesia alimenta, me deixa bem. Eu sou até meio nervoso, mas a poesia, até eu cantando mesmo é uma poesia nervosa, agressiva... Porém sem a poesia eu não sei quem eu sou também não”.

A noite brilha sem estrelas acima dos casebres.

“Poesia é sem palavras, né?”

É.

.....

Alguns metrô e muitos metros depois, estamos na estação de metrô Santa Cruz, na Vila Mariana, na Zona Sul, onde há oito anos acontece a Batalha mais famosa da cidade. Na Batalha do Santa Cruz já passaram MCs como Rashid, Emicida, Projota e Marcelo Gugu, hoje conhecidos em todo o Brasil por suas rimas. Segundo o site Rinha de MCs, a primeira edição da Batalha teve seis pessoas. A segunda, 200.

Hoje, por causa do feriado do Dia do Trabalhador na quinta, a cidade ficou vazia durante o final de semana e isso repercutiu nas batalhas. O público fiel nunca deixa a cena morrer, mas dependendo da edição, as batalhas recebem 100, 200, 300 pessoas.

Hoje, havia cerca de 50 jovens, meninos e meninas, esperando do lado de fora da estação, encostados nos muros e conversando. Quando a Batalha começa são cerca de 15 MCs disputando. Apenas uma garota.

São 30 segundos para cada MC e o público decide no barulho quem ganhou. Num esquema de chaves, como nos campeonatos de futebol, os ganhadores vão passando para as próximas fases e se enfrentando, até sobraem só dois, que batalham entre si. Se houver empate, o terceiro round define.

A galera da Afrika Kidz Crew avisa: “Não pode falar palavrão, heim?”. Para elevar o nível do debate, que aqui não se quer atacar pessoas, mas sim ideias. Às vezes não dá pra segurar e os insultos são como balas. MCs de diversas partes da cidade vem para representar suas quebradas e colocar pra fora a adrenalina e a pressão do dia-a-dia.

A plateia agita. Pedem o sangue dos jogadores na arena. Os nervos vão à flor da pele e a dificuldade é não levar nada para o lado pessoal, sabendo que aquilo ali é uma brincadeira, mesmo que hip hop seja coisa séria.

A maioria é jovem, mas há homens mais velhos, muitos vieram de moto, a maioria de metrô. Há rostos cansados de trabalhadores e rostos ávidos de estudantes.

Um desses rostinhos ávidos está agora pacificado, radiante. Mateus Moreira Alves Dornela Costa (“sim, duas linhas do RG”, ele comenta com a voz aveludada e decidida) tem 16 anos e foi o ganhador da noite da Batalha do Santa Cruz.

Mateus, menino branco alto e magricelo, não chamaria atenção no meio de uma multidão de adolescentes indo para o recreio. Ele é normal, parece não ser encrenqueiro e nem falar muito. Um bom aluno, arrisco. Mas quando Mateus batalha, se transforma. Cresce, vira dois, quase sai do corpo, não se cabendo em si de energia poética. As rimas extravasam e acertam o oponente em cheio, sem hesitar.

Mateus batalha há um ano e explica o que sentiu desde a primeira vez: “Deu pra sentir a energia do hip hop e o abraço dos irmãos... Sentir essa energia de perto. E foi inexplicável. O amor que eu sinto pelo rap é inexplicável”.

Apaixonado, Mateus quer rimar desde sempre e pra toda a vida: “Sempre tive afeição por repente, por rima feita na hora, improviso. Minha família é da Bahia e meu avô era repentista, então eu já fazia. Um dia, meu irmão me colocou para rimar sobre uma base de rap, me mostrou umas batalhas na internet e eu decidi que era isso que eu queria fazer”.

Em idade de vestibular, Mateus também pensa em universidades: agronomia, porque ama natureza e música, porque ama o rap. “Minha vida sempre emborcou para esse canto, do improviso, do repente, do rap, mesmo como um hobby. Vou continuar fazendo hip hop porque é isso que me mantém vivo além do amor”.

Terça-feira, dia 6 de maio, eu iria encontrar o Daniel Minchoni no Sarau do Burro. Jornalisticamente falando, Minchoni era meu contato em Sampa. Quem me passou esse contato foi o meu orientador, o Gustavo de Castro. Eu e Minchoni éramos quase colegas, só que separados por alguns anos e quase dois mil km. Ele era formado em Comunicação Social e tivera aulas com Gustavo em Natal.

Minchoni é poeta, agitador cultural e responsável pelo selo independente DoBurro, que publica muitos poetas marginais, fazendo experimentações com a forma, o texto, o título, a capa, tudo. Minchoni promove o Menor Slam do Mundo, em que os poetas lançam poesias de até um minuto uns contra os outros, e o Sarau do Burro, onde nós vamos nos encontrar.

O *Sarau do Burro* acontece na galeria de arte A7MA, que trabalha principalmente com arte urbana e na época exibia a exposição *Transições*, de Rodrigo Yokota, focada em arte de rua, grafite e intervenção. A galeria fica na Vila Madalena, na Zona Oeste de São Paulo, bairro nobre, badalado pela juventude da classe alta que visita seus restaurantes, lojinhas e galerias. Os prédios são altos e as ruas são limpas.

A galeria tem duas salas de exposição e um barzinho. Pessoas bem diferentes vão chegando aos poucos para o sarau, se encostando nos cantos, bebericando no bar. Muitos jovens, mas também pessoas mais velhas. Artistas plásticos, escritores, professores e MCs trocam ideia. Eu troco ideia com Minchoni.

Minchoni tem 34 anos, é branco, barbudo, gordinho e meio calvo. Alguma coisa de nerd ficou no artista descolado. Além de poeta e produtor cultural, trabalha com performance, grafite e vídeo. Realiza saraus há mais de quinze anos.

Ele me conta um pouco mais sobre o fenômeno do *slam poetry*, as batalhas de poesia. Cada poeta tem 3 minutos para performar sua poesia, sem acompanhamento musical ou qualquer outro acessório. Com um sistema de notas e júri popular (geralmente), o melhor poeta é escolhido, no mesmo sistema de chaves das batalhas de MCs. No Menor Slam do Mundo, o limite para cada poesia é de 10 segundos. “Na mesma noite acontece o Mini Menor Slam do Mundo, com poesias de até 3 segundos e o Nano Menor Slam, com poesias de até um segundo”.

Por exemplo? “Libergrade”, de Thiago Peixoto.

Mas os dois espaços, Sarau e Slam, são muito diferentes. No slam, o sistema de notas torna tudo muito sério, oficial. O palco intimida os mais tímidos e há pouca interação entre os poetas. Já no Sarau do Burro não é necessário se inscrever e nem há vencedores.

“O Sarau do Burro é um espaço bem aberto. Tem mais público de rap do que no slam, que tem a ver mais com Haikai. Aqui tem bastante essa pegada do grafite, da pichação, tem muito artista de rua, é meio que um sarau de hip hop”.

Do hip hop, vem Renan, do grupo Inquérito. Boné com o nome do grupo, camiseta escrito *Poeme-se*. O rapper e professor de geografia é uma das grandes figuras no cenário da poesia periférica de São Paulo, juntamente com Sérgio Vaz, Ferréz, Círiaco e outros. Depois de lançar o livro *#PoucasPalavras*, com trechos de músicas do Inquérito, Renan foi estreitando os laços com a poesia e entrando no universo do sarau. Primeiro, como ouvinte. Depois como rapper e poeta. Depois como produtor.

“Eu nunca tinha feito poesia e nem sabia que eu poderia fazer poesia, até que eu fiz”.

Renan Inquérito, como escolheu ser chamado, criou a Parada Poética, sarau que ele realiza há um ano no interior de São Paulo, uma vez por mês nas cidades de Nova Odessa, onde ele nasceu, Americana e Campinas.

“No interior não tem essa cultura de sarau, a gente tá implementando, educando. Não é muito bem essa a palavra, mas a gente vê que o sarau é num bar aí às vezes o povo fica gritando, cantando parabéns, durante o sarau. E a gente vai mostrando que não, que aquele dia, aquele espaço e aquelas pessoas estão dedicadas pra isso: pra poesia. E a gente nota que já tem se criado um público cativo mesmo”.

Renan começou no hip hop como DJ. Na verdade, começou como apresentador de rádio comunitária na Zona Norte, depois passou para o *DJing* e depois pro *emeecing*: “Eu tinha de 13 para 14 anos e fiquei cuidando da rádio enquanto o cara ia no banco. Quando ele voltou, eu tava lá falando. Aí ele me colocou pra fazer um programa. Aí colocou um grupo de rap lá e eu comecei a ser DJ dos caras. Aí depois já comecei a fazer umas letras”.

Em 1999, lançou o grupo Inquérito. Quinze anos depois, a poesia que Renan não conhecia é cotidiana. Ele lembra outro artista periférico, Rodrigo Ciríaco, escritor do livro e cunhador da frase “Vendo pó...esia!” para explicar o que é o sarau na periferia: “Que barato louco, quem diria! Os saraus são as bibliotecas sonoras da periferia!”.



(Imagem do livro-posters Vendo Pó...esia, de Rodrigo Círiaco)

E através dessa interação, entre rap e poesia, sarau e periferia, novas ideias vão surgindo e o movimento só se fortalece: “Eu acho que no primeiro momento, o rap ajudou o sarau. Porque você não tinha poeta. Quem na periferia ia bater no peito e falar que é poeta? Não tinha. Quem colava no sarau eram os caras do rap no começo. Só que aí o sarau foi tomando conta tão grande que hoje é o contrário. Hoje o sarau é um dos poucos espaços que abre espaço pro rap. O sarau oxigenou a cena do rap. Voltou a ter poesia nas letras de rap.”.

Nessa mistura, também cabe repente, seresta, literatura de cordel, música. “Às vezes vai até umas crianças que os pais levam e aí recita a poesia da borboleta e é isso mesmo, pra quem quiser”.

Quem quiser, chega no Sarau do Burro, senta no chão, fica ouvindo e quando quer, sem qualquer aviso prévio, dispara sua poesia. Em termos de estrutura, o do Burro é realmente livre e libertário, já que ninguém tem que se inscrever para falar. Em todos os Saraus que fui os poetas tinham que dar seu nome antes e eram chamados por sorteio. No do Burro, fala quem quer na hora que quer. E isso acaba criando um fluxo natural de temas e estilos, na medida em que uma poesia puxa a outra. Minchoni vai animando e conduzindo o público com pequenas intervenções poéticas. Essa é uma delas:

*DÚVIDA PÓSTUMA POSTA AO PÉ DE MEU NASCIMENTO IMPERFEITO:
nasci de cesárea,
que comigo o processo
é lento.*

*no parto pra
nascer
eu nem pedi,
logo, me puxaram
vida adentro.*

DÚVIDA PÓSTUMA POSTA AO PÉ DE SEU EPITÁFIO IMPERFEITO:

*Nasci desnecessário
e agora parto
devendo.
Em parte desta
história
eu me perdi.
Ou só não
entendo.*



(Minchoni e Renan no Sarau do Burro. Foto de Márcio Salata, SP, 2014)

São aproximadamente 50 pessoas que ouvem, falam, calam, sentam, levantam, cantam, dançam e às vezes pulam e gritam. Performance, rap, poesia, música. Não dá para definir o que é um sarau. Palco-plateia, roda de cura, terapia de grupo. Todos entram meio nervosos, expectativas. E saem rindo, relaxados.

Francês, 24 anos é um deles. Rapaz preto, comprido, com um moicano e estilo punk, tudo menos francês, me chamou atenção por ser levemente diferente do resto do grupo. Um pouco menos limpo, um pouco menos universitário. “Minha realidade é mais da periferia, então eu vou muito nas batalhas de rap e não em lugares como aqui. Aqui que eu vim porque vi ele

[Minchoni] falando sobre slam lá no MASP, o slam que é uma batalha de ideias, de palavras, mais abrangente que o rap. Aqui eu vi uma coisa bem diferente, gostei”.

Francês, que não tem casa em lugar nenhum e cujo nome só a mãe sabe (ele garante), sentiu a força das palavras pela primeira vez no rap: “Me chama a atenção a violência com as palavras. As palavras tem uma força monstruosa e o rap é a melhor porta para isso, uma forma de ação para somar as ideias que você tem”.

Ele, que só conhecia o ambiente das batalhas de MC, não se sentiu deslocado no sarau: “É a mesma coisa, só muda o ritmo. É a mesma revolta. Às vezes com o corpo, às vezes com o rosto, o rap mais pela letra. São outras formas de expulsar o ódio”.

Poesia? “Pra mim, um pixo no alto do prédio mais chique de São Paulo é poesia”.

No Sarau do Burro, me encontrei com Roberta Estrela D’Alva, uma das primeiras pesquisadoras brasileiras que descobri estudando *spoken word* e através da qual eu conheci o conceito de *slam poetry*, através de seu trabalho *Slam Poetry: Uma ideia na cabeça e um microfone na mão*, defendido no final de sua graduação em artes cênicas pela PUC de SP, em 2011.

Roberta, depois de pesquisar os campeonatos de *Slam Poetry* pelo mundo, e inclusive vencer uma Copa do Mundo de Slam Poetry na França, voltou para o Brasil em busca de algo semelhante aqui. Não achou. Criou.

O ZAP, Zona Autônoma da Palavra, foi o primeiro *slam* brasileiro, surgido em 2008. Acontece em São Paulo e é promovido pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, companhia teatral que mistura artes cênicas com hip hop e tem todas suas peças escritas em rimas. Roberta foi uma das fundadoras do Núcleo, há 14 anos e em seu trabalho explora as possibilidades da palavra no teatro.

Ela é atriz, MC, *slammer*, *slamMaster*, diretora de teatro, coreógrafa e cantora.

Para falar sobre *spoken word*, Roberta volta a Malcon X, Angela Davis, Martin Luther King, Mohamed Ali. Os discursos dos negros que lutavam por direitos civis nos Estados Unidos dos anos 60 têm ritmo e poesia, “uma pulsação rítmica na fala que se aproxima muito do hip hop”, segundo ela. Também entram Lou Reed, os poetas da Geração Beatnick, os poetas porto-riquenhos e o *slam poetry*. “Spokeword é uma árvore muito grande que cabe muita coisa. O slam é um galho dessa árvore”.

Como atriz, Roberta sempre trabalhou com poesia falada. Atualmente, está dirigindo os rappers Renan Inquérito, Ferréz, DoGueto e Círiaco no espetáculo de *spoken word* Palavrarmas. “São poemas para serem encenados”.

Nos *slams* e na *spoken word* no geral, é a palavra que deve conduzir o espetáculo. No seu trabalho, Roberta tenta levar isso para o teatro. “Gosto muito dessa ideia de trabalhar com a palavra e mais nada, sem cenários, sem vídeo, com poucos elementos musicais, e fazer com que esses elementos sejam vistos a partir da palavra. E você consegue fazer isso colocando

cor na palavra, trabalhando a palavra como um pedaço de barro, esculpindo como uma madeira, usando velocidade, intensidade, alto e baixo... Utilizar a palavra como algo material, o que os MCs e os poetas da poesia oral já fazem intuitivamente”.

Para ela, o que marca esses poetas é a questão autoral, do depoimento, da auto representação: “O que acontece nos slams e no hip hop é que a pessoa que escreve é aquela que vai falar. Você escreve o seu depoimento. Você dificilmente vai ver um MC cantando a letra de outro, fazendo cover. Por que como alguém que não é o Thaíde vai cantar ‘Meu nome é Thaíde, meu corpo é fechado e não aceito revide’? Ou ‘Sou assim e tô legal, malicioso e realista, sou eu Mano Brown’? Não dá”.

E por ser tão particular é que o depoimento ganha validade e atinge o outro: “Você vai muito no particular, muito na sua vida e quanto mais fundo você for, mais você revelar seus sentimentos no seu depoimento, mais atinge fora, mais pessoas se identificam”.

“É um processo do corpo para o papel, de volta pro corpo, e do corpo para outros corpos.”

E é nessas zonas autônomas da palavra, nesses espaços de expressão do livre pensamentos, que esses corpos se encontram, se chocam, se abraçam e se modificam. “Parece pouco, mas é muito você ter numa terça-feira gente que se juntou para ouvir o que os outros têm a dizer, num mundo em que a gente fala muito no Facebook. Aqui você põe sua cara. E você ouve o que outro ser humano está falando, que é o que falta: diálogo.”

A própria atitude de ocupar o espaço e o tempo poeticamente já seria política. “É a dimensão política da poesia. A poesia tem esse poder de condensar em um poema, em uma frase, muita filosofia, muita ideia, porque transcende”.

Mesmo que não se fale de política: “Aqui dava volumes de debate sociológico, filosófico, ético, político, psicológico, psiquiátrico, estético, cultural, esportivo, culinário e sei lá o que mais... Esse que é o poder. É uma ágora, né? Todos tem voz e flui porque é poesia. E poesia profunda porque é depoimento. Seja o assunto que for. Falar de amor também é político. Se juntar num espaço e falar coisas com liberdade e ter quem ouça... se isso não é político, não sei o que é!”.

.....

“Você quer brisa? Vai escutar poesia! Toda quarta-feira ainda tem Cooperifa!”, Criolo contou para o Brasil. Eu ouvi cantar, ouvi dizer, fiquei curiosa e fui. O Sarau da Cooperifa era um dos principais motivos de eu ter decidido que precisava ir para São Paulo para fazer essa reportagem.

O Sarau da Cooperativa Cultural da Periferia acontece há 13 anos e é o mais tradicional e importante sarau da periferia de São Paulo e do Brasil. Além de Criolo, por lá passaram rappers como Ferréz, GOG, Happin Hood, Mano Brown e muitos outros, que ainda vem e vão toda quarta-feira.

O Sarau foi fundado pelos poetas Marco Pezão e Sérgio Vaz em 2001. Depois de muito batalhar pela poesia, vendendo camisetas com seus poemas pelas ruas, declamando em rádios comunitárias, correndo atrás, Sérgio Vaz consegue organizar um primeiro evento cultural de

música, poesia e teatro em uma grande fábrica. Nasce a COOPERIFA. E esse é seu manifesto, publicado no livro Cooperifa – Antropofagia Periférica:

*É preciso sugar da arte
um novo tipo de artista: o artista cidadão.
Aquele que na sua arte
não revoluciona o mundo,
mas também não compactua com
a mediocridade
que imbeciliza um povo
desprovido de oportunidades.*

*Um artista a serviço da comunidade, do país.
Que armado da verdade, por si só,
exercita a revolução.*

Depois de três eventos culturais na fábrica, o movimento vai para o bar do Garajão, em Taboão da Serra, e se transforma definitivamente em Sarau. De bar em bar, o Sarau encontra no Bar do Zé Batidão, no Jardim Guarujá, sua casa definitiva. Desde 2003, os saraus acontecem na mesma hora, no mesmo dia e no mesmo lugar. E com a mesma força.

São quase 200 guerreiros e guerreiras todas as quartas-feiras. Nas mesas e cadeiras do bar ou em pé do lado de fora, a comunidade assiste poesia. Esse é o primeiro sarau que eu vou que tem um público familiar, com várias faixas etárias. Além dos meninos e meninas de capuz, gorros e bonés, encostados nos cantos e fumando na pracinha da frente, há velhas e velhos, mães com suas crianças, artistas de todas as idades. “Aqui é uma escola, porque a gente conhece pessoas diferentes e entende essas diferenças, e se acha nessas diferenças também. Por mais que as pessoas sejam diferentes umas das outras, a gente sempre é um pouco parecido com cada um que vem aqui, que vive aqui”, conta Cocão.

Mauro Almeida tem 35 anos e é o Cocão do rap há 15. Faz parte do grupo Versão Popular e está na organização da Cooperifa, que ele conheceu há 12 anos. “Aqui comecei a ter contato com poesia, literatura e a entender qual é o sentido do rap também, porque o rap é ritmo e poesia e aqui eu venho declamar o meu rap”.

A partir do contato com outros poetas e com os livros, de poesia ou não, o rap de Cocão começou a mudar: “Tomou outras formas. As minhas rimas, as minhas poesias, começaram a se parecer mais comigo”. Em vez de escrever para atacar os outros, Cocão hoje escreve para se sentir bem.

A Cooperifa marca quem a conhece, transforma vidas. Aqui, a arte tem função social, espiritual, social, familiar. E existe independente disso tudo também: “A poesia está na nossa vida desde quando a gente nasce, já tá na rua quando a gente é pequeno, só que a gente não sabe o que é. Aí quando você vai crescendo, entendendo as coisas, começa a entender do que você faz parte, pra que que você vive e pra quem você vive, a poesia é eterna. O nada do

mundo, o oco do mundo, se um dia existir ainda vai ser poesia. Quando começou o mundo já era poema”.

Esse é o poder da Cooperifa, o poder da poesia: transformação. Jairo Rodrigues Barbosa tem 47 anos e é taxista. Mas há 11 anos, Jairo também descobriu que é rapper, poeta e Cooperifa. “Eu sou Cooperifa. Sou membro, colaborador, frequentador. Eu sou Cooperifa, junto com os meus amigos, é uma família. Estou aqui há 11 anos e foi aqui que eu descobri o rap, descobri a poesia e me fez ser o que eu sou hoje”.

“Minha vida era aquela vidinha simples, tímida, eu conheci a Cooperifa e isso mudou minha vida pra sempre”, ele relembra. Hoje, Jairo já está na gravação do seu terceiro disco com o grupo Periafricana. Faz rap não pelo sucesso, mas pela necessidade de se expressar e de mostrar que “a cultura tem que ser feita por nós mesmos”.

Apaixonado e revoltado, Jairo luta contra os padrões sociais por ter aprendido a fazer rap depois de velho. “Ninguém tem que me autorizar a nada. Eu vou fazer meu rap enquanto houver vida. Posso estar com 70 anos e vou continuar rimando. A galera pode dar risada, falar ‘olha lá o tiozinho fazendo rap’. Vou fazer”.

Do seu jeito, falando sobre a sua vida, Jairo vai fazendo sua arte, se expressando, se expondo e recebendo tudo de volta da plateia. Velho, novo, rico ou pobre: não há limites para a poesia.

“A Cooperifa mostrou que eu podia fazer e eu fui lá e fiz. E vou continuar fazendo.”

E só para provar que arte não tem cor nem idade, Dona Edite sobe ao palco dos sem-palco. A velhinha de 72 anos agita as mãos enrugadas no ar, os olhos cegos cheios de expressão. O poema é imenso, cheio de força, e ela não se cansa. Quando termina, o mundo vai abaixo em palmas e gritos. Dona Edite é a mãe na Cooperifa.

A mineira de Pirapora veio para o bairro de Piraporinha, em São Paulo, há 54 anos. De lá pra cá, trabalhou muito e sem descanso e, como a maioria de nós, sem saber muito bem pra quê. Até que conheceu a Cooperifa e a voz que havia dentro dela: “Poesia me deu a liberdade de manifestar, de expressar, de ser cidadã, de voltar ao convívio. Para mim é importantíssimo e a Cooperifa é prioridade”.

Foi aqui que Dona Edite aprendeu a ler, escrever e poetar: “A Cooperifa é um livro. Eu não pago os professores que me dão aula aqui”. Não paga, mas retribui. “Tudo que eu declamo é aquilo que eu sinto, que eu tenho vontade de expressar, que eu tenho vontade de devolver aquilo que eu recebo”.

Depois de duas horas de Sarau, minha vida também já foi tocada. Me sinto mais solta, alegre, com força para encarar o resto da semana. A luta dos companheiros nos ensina a não desistir nunca, a sempre buscar, lá no meio da agenda, dos compromissos, dos problemas, da revolta, a poesia. Porque ela sempre estará lá.

“Na periferia, poesia é transformação. Veio para transformar, para dar às pessoas uma nova direção, um novo conceito de ser periférico, de mexer com a literatura, de saber se conduzir, protestar, saber procurar melhoria e qualidade de vida”.

DF: Voltei para Brasília com a cabeça fervilhando em ritmo e poesia depois de duas semanas viajando, uma em BH e outra em SP. Por aqui, meu cantinho de poesia era o Sarau da CM, na Praça da Bíblia do P Norte, em Ceilândia.

Vamos por partes. Ceilândia é uma das 31 regiões administrativas do Distrito Federal. É meio difícil entender. O Distrito Federal é um Estado sem Municípios, e Brasília é uma cidade sem bairros. O que nós temos por aqui são diversas regiões administrativas. Administradas por Administradores Regionais, e não prefeitos ou vereadores.

Na prática, cada uma dessas Regiões é uma cidade, com história, povo, costumes e organização próprios. Se cada uma das regiões do DF funciona como uma cidade, Brasília funciona como capital. Essa é a Brasília que você vê na TV, a capital do Brasil, onde o decreto é assinado e o dinheiro é desviado. É aqui que mora a Dilma, meu povo! (E não, eu nunca encontrei com ela, como costumam supor as pessoas de fora sobre as pessoas que visitam Brasília. Na verdade, talvez a Dilma não more mesmo aqui).

Não é preciso saber muito sobre história do Brasil para lembrar que a nossa capital foi construída no meio do mato e do nada. Pois é, no meio do mato e do nada do Brasil tinha índio. Tinha.

A cidade é a representação perfeita da política de tomada de terras que sempre aconteceu no Brasil, acima de qualquer lei ou moral. Depois de expulsar os índios e abrir caminho para a reluzente Brasília, montando-a bloco a bloco de concreto, os construtores de Brasília, nordestinos expulsos de suas terras, também foram expulsos de Brasília. Era hora dos donos dos apartamentos amplos em meio às árvores chegarem, os patrões, a *playboyzada* do Rio de Janeiro.

Os nordestinos foram então novamente expulsos para a margem, para a periferia, para fora, mas só quase, para poderem voltar quando forem necessários, todos os dias para lavar coisas. Essas são as cidades-satélites de Brasília. A mais populosa delas é Ceilândia, com quase 400 mil habitantes.

Ceilândia foi fundada aproximadamente dez anos depois da fundação de Brasília, em 1971. A cidade foi planejada com urgência como setor habitacional para quase 80 mil habitantes. Era esse o número de favelados em Brasília dez anos após sua criação.

A Companhia de Erradicação de Invasões (CEI) cumpriu bem o papel designado pelo governador Hélio Prates no planejamento e povoamento da cidade. Tanto que achou até que merecia nomear a cidade. Ceilândia. Terra da CEI.

Talvez você nunca tenha ouvido falar de Ceilândia. Mas só se você não for um aficionado por rap. Brasília entrou na história do rap nacional pouco depois de ele começar a bombar em São Paulo e no Rio. Por aqui, o intercâmbio aconteceu primeiramente pelo poeta de rua GOG. Depois, o rap aqui só foi crescendo e nos anos 90 o som que saía daqui era pesado. O grupo Câmbio Negro é um dos mais influentes dessa época e faz questão de retratar a realidade da sua quebrada, na música *Ceilândia – Revanche do Gueto*:

Ceilândia, Ceilândia

*Respeito todas as quebradas, becos e vielas
Quebras cabulosas, satélites e qualquer favela
Todas se parecem muito, só que a Ceil é diferente
Na nossa quebrada a parada é mais quente
Mais de 500 mil e pra eles somos lixo
Lutando para sobreviver, tratados como bichos*

Vinte anos depois, Ceilândia ainda é quebrada, ainda é favela. Mas tem shopping center. Casas de família construídas há décadas convivem com bocas recém abertas e o segredo é deixar viver. A cidade não é perigosa para quem anda na linha, há muitas pessoas na rua e poucos assaltos. A maioria dos crimes é por causa do tráfico. Quem se envolve, corre risco.

Do centro, demoro uma hora e meia de ônibus para chegar em Ceilândia. A cidade era originalmente dividida em Centro, Norte e Sul, mas depois ganhou vários outros bairros, crescendo sempre. Um deles é o P Norte, na região Norte de Ceilândia.

No centro do P Norte, a Praça da Bíblia. Num canto da Praça da Bíblia, o Bar do Tricolor. No bar do Tricolor, o Sarau da CM.

Na estrutura, o Sarau da CM é muito parecido com o da Cooperifa. Dentro de um bar, com microfone, as pessoas do lado de dentro e de fora, tomando uma cervejinha, falando de poesia.

Só que o Sarau da CM é mais jovem. Na verdade, o Sarau da CM é o único que eu vi que é 100% jovem.

Rafinha Bravoz, idealizador e Mestre de Cerimônia do Sarau, tem 28 anos. Sempre gostou de rap e sempre sentiu dentro de si a necessidade de mudar a realidade ao seu redor. “E a primeira janela que se abriu pra mim foi a letra, você escrever e mostrar alguma coisa para alguém. Por mais besta que fosse, né. Naquela época eu era uma criança, tinha 15 anos. Mas aí mostrei uma letra prum amigo e ele falou ‘cara, que letra foda, eu pensei isso aí também em algum momento’, e eu pensei o quanto aquilo era importante”.



(Rafinha BraVoz no Sarau da CM. Foto de Hugo Hugo)

Em 2011, Rafinha viaja para São Paulo em uma turnê com o RAPadura e descobre a realidade dos saraus. Visita a Cooperifa, o Binho, no Bixiga, o Suburbano Convicto. E decide trazer essa realidade de volta pra casa. “É que a gente pensa que cultura é só hip hop, poesia, literatura, mas não. É essa questão de encontrar com os amigos mesmo. E a gente estava com essa necessidade de se encontrar de novo, o pessoal da CM”.

CM, Caligrafia Mardita. A *crew* na verdade era de grafite e começou com o Guga. Guga que é Josué Isaias Aragão Santos, “nada a ver, né?”. “Eu sempre lembro da minha infância desenhando. Mas o grafite veio em 2004, quando eu conheci o Robinho, a gente tinha mais ou menos as mesmas ideias e começou a colar junto”. Os meninos, com 15 anos na época, não podiam comprar os sprays de tinta e desenhavam no papel mesmo, para depois colar na parede. “Assim foi o primeiro rolê da CM”, ele lembra.

Rafinha acabou entrando no bonde mesmo sem grafitar. “O bicho escreveu uma música sobre a *crew*, a galera se identificou e a gente falou: Tu é CM também”.

Daí nasceu a amizade que tempos depois virou arte. Antes da poesia começar, Guga grafita uma placa com o nome do Sarau da CM. Na Praça da Bíblia jovens andam de skate, casais passeiam, velhos assistem televisão no bar. A maioria da agitação é por causa do sarau, que já reúne umas 50 pessoas na calçada do bar, conversando ao som do DJ Afrika. Rafinha olha para tudo aquilo feliz.

“O nosso intuito era isso. Essa praça tem duas árvores, só tem concreto. Ninguém quer andar nessa praça três horas da tarde, não quer trazer o filho. Então o que acontece? Tráfico, prostituição, baderna. Então através do sarau a gente tornou essa praça um pouco mais convívil. Então a gente queria isso, porque a gente tem pouco recurso, a gente trabalhou

milianos, estudamos pra ver qual era a melhor forma de ajudar nossa comunidade com o pouco recurso que a gente tinha. Então fizemos uma paradinha dessas aqui, um sarau junto com os comerciantes, junto com os moradores, dando voz aos moradores, dando voz ao anônimo. E hoje tá do jeito que vocês tão vendo aí... tem um grupinho ali de rockero, tem uns rapper, uns forrozeiro, uns senhor de idade, criança, adolescente, todo mundo colando no sarau e colando mais na praça.”

Mas o Sarau da CM faz muito mais do que ocupação, faz ocupação mental. Com uma biblioteca aberta e a presença constante da Frente Feminista da Ceilândia, o sarau é lugar de revolução. Ali, quase todos os poemas são de revolta. Negritude e feminismo são reafirmados junto com a força das quebradas.

Andressa Cavalcante, criadora da Frente, explica como aconteceu essa aproximação com o sarau: “Em novembro de 2013 comecei a frequentar o Sarau da CM e percebi que aquele espaço era muito bom para se discutir o protagonismo da mulher. Eu já conhecia o Rafinha há anos e falei para ele sobre a minha ideia de criar a Frente e perguntei se o Sarau da CM poderia apoiar essa ideia”.

Ela conta que no começo só duas meninas tinham coragem de pegar o microfone e expressar suas ideias, Nathalia e Thalita. Andressa também começou a recitar e convidou as amigas do curso de Serviço Social para comparecerem no sarau. Em janeiro, as meninas já estavam unidas na ideia e a Frente foi formada.

“Um dos principais objetivos era dar voz para as minas dentro do Sarau da CM, porque a nossa participação era mínima. Não porque os meninos não deixavam a gente falar, mas por vergonha, timidez e por tantas outras coisas que essa sociedade patriarcal nos submete”.

Hoje, a participação feminina toma mais da metade do tempo do Sarau e todo mundo adora. “O nosso princípio é representar o feminismo periférico, ou seja, a mina que acorda de madrugada para trabalhar, a mina que mora na periferia e passa por várias dificuldades, a mina que veio do nordeste para tentar uma melhor qualidade de vida no DF, a mulher negra que sofre discriminação...”.

Uma das poetisas mais aplaudida é Renata Lima, de 23 anos. De Aracaju, Sergipe, Renatinha chegou em Brasília no começo desse ano e no Sarau da CM já se sente em casa. “Eu conheci o sarau na minha primeira semana aqui. E eu tenho que vir toda terça. Eu moro em Águas Lindas de Goiás e eu tenho que vir, porque quando eu não venho eu fico pensando ‘poxa, hoje tem sarau’, querendo estar aqui. É sagrado, pode-se dizer assim”.



(Renatinha no Sarau da CM. Foto de Hugo Hugo)

Depois da morte do pai, Renata veio para Brasília cursar jornalismo. “Não cursei. Não arranjei emprego. Não sei nem o que que eu tô fazendo aqui”. Não sabe mais se quer jornalismo, serviço social ou literatura. Mas sabe que na próxima terça vai estar no Sarau da CM.

Com o microfone na mão, Renatinha sente “um misto de alegria e vontade de escrever melhor”. “Eu não esperava que meus textos causassem tanto efeito nas pessoas. Aí toda semana quero só fazer melhor para o sentimento ser maior”.

Renata fala sobre seu cotidiano, situações de mulheres que sofreram abuso, de mulheres que foram traídas, de mulheres que “caíram no amor”. Protagonismo feminino. “Tomamos de assalto o sarau! Acho que elas se identificam comigo porque eu escrevo como eu gostaria de ser. Eu não escrevo a mulher que eu sou, eu escrevo a mulher que eu quero ser, forte, decidida”.

Forte e decidida, Renata manda textos ácidos e doces na mesma proporção. “Eu costumo chamar meus textos de rapesia. Porque nem chega a ser rap, porque eu não consigo cantar minhas poesias, mas também não tem umas rimas padrão, tem uma métrica semelhante ao rap”.

Além da métrica, do rap ela tira a fidelidade do relato: “O rap é realidade. A poesia nem sempre é real”. E muito mais: “Os ensinamentos que o rap traz acho que todo mundo deveria parar para ouvir, nem que fosse uma vez, só parar e sentir aquilo. E não ficar criticando”.

Sob críticas, o rap continua firme e forte. Sob críticas, a periferia se organiza, se movimenta e faz sua arte. Sob críticas, jovens protestam. Sob críticas, velhos protestam. E a força da periferia, a força da poesia, a força das pessoas, cresce.

E toda terça-feira ainda rola Sarau da CM. E sarau do Burro e Suburbano em SP. E Vira-Lata em BH. E quarta-feira Cooperifa. E quinta-feira Roda de Rima do Méier, no Rio. E sexta, sábado e domingo. Todo dia é dia de poesia!

Até na segunda-feira cabe poesia! Quer ver?

Brasília, 16/06/2014

Segunda-feira